



UALg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FACULDADE DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS

Idadismo e estereótipos: a representação dos adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, “Notícias” e “Savana”, entre os anos 2015 e 2018

Sérgio Simão Raimundo

SÉRGIO SIMÃO RAIMUNDO

Idadismo e estereótipos: a representação dos adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, “Notícias” e “Savana”, entre os anos 2015 e 2018

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação. Trabalho efetuado sob orientação da Professora Doutora Helena Luísa Martins Quintas

Título do Trabalho:

Idadismo e estereótipos: a representação dos adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, “Notícias” e “Savana”, entre os anos 2015 e 2018

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

O autor:

Sérgio Simão Raimundo

Indicação dos direitos de cópia ou *Copyright*

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

O autor:

Sérgio Simão Raimundo

À memória do meu pai, Simão Raimundo. Meu primeiro mestre e professor que me ensinou o gosto pelo conhecimento e pela vida.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecimento especial à Professora Doutora Helena Quintas pela infinita paciência nesta caminhada tão árdua e cheia de desafios. Um agradecimento por toda a orientação, apoio, disponibilidade, acompanhamento e saber que me foi transmitindo. À Joana, à Maria Capelo, ao Miguel Luís e a todos.

E aos meus pais. E a toda Universidade do Algarve.

RESUMO

A presente dissertação teve como principal objetivo analisar o idadismo, os estereótipos e representação dos adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, “Notícias” e “Savana”, entre os anos de 2015 e 2018. O idadismo é um conceito que diz respeito a atitudes, práticas, preconceitos negativos tendo como base a idade. Os jornais em estudo têm, em parte, um papel fundamental na criação ou formação da opinião pública sobre o idadismo. O estudo do idadismo e dos seus estereótipos, no contexto moçambicano, é importante, pois ajuda-nos a perceber como os jornais difundem esses conceitos ou atitudes e permite-nos compreender a representação mediática dos adultos mais velhos. A representação dos adultos mais velhos nos artigos noticiosos desses dois jornais não obedece um critério homogéneo e, por isso, optamos por fazer uma análise de conteúdo de vários artigos que, criteriosamente, selecionámos. A análise de conteúdo foi feita a trinta (30) artigos desses dois jornais. A existência de estereótipos negativos e positivos, em ambos jornais, quando são representados os adultos mais velhos, foi uma das principais constatações neste trabalho.

Palavras-chave: representações sociais, estereótipos, idadismo, Notícias, Savana, adultos mais velhos.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation was to analyze ageism, stereotypes and representation of older adults in the Mozambican newspapers, “Notícias” and “Savana”, between the years 2015 and 2018. Ageism is a concept that concerns attitudes, practice negative prejudices based on age. The newspapers under study have, in part, a fundamental role in the creation or formation of public opinion about ageism. The study of ageism and its stereotypes, in the Mozambican context, is important, as it helps us to understand how newspapers spread these concepts or attitudes and allows us to understand the media representation of older adults. The representation of older adults in the news articles of these two newspapers does not obey a homogeneous criterion and, therefore, we chose to carry out a content analysis of the articles. Content analysis was performed on thirty (30) articles from these two newspapers. The existence of negative and positive stereotypes, in both newspapers, when older adults are represented, was one of the main findings in this work.

Keywords: social representations, stereotypes, ageism, Notícias, Savana, older adults.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	i
CAPÍTULO I.....	03
1. Contextualização sobre o idadismo e estereótipos.....	11
2. Perspetivas sobre o envelhecimento.....	06
3. Teorização das principais categorias.....	10
CAPÍTULO II.....	20
1. Adultos mais velhos e meios de comunicação social.....	20
2. Paradigmas sobre as representações sociais.....	21
3. Estereótipos e idadismo nos meios de comunicação social.....	23
CAPÍTULO III.....	26
1. Metodologia de investigação.....	26
2. Pergunta de partida.....	27
3. Objetivos da investigação.....	27
4. Paradigma de investigação.....	27
5. Campo de estudo.....	29
6. Métodos e técnica de recolha de dados.....	29
CAPÍTULO IV.....	32
1. Apresentação e discussão de resultados.....	32
2. Velhos e velhice.....	32
3. Abusos e maus-tratos.....	36
4. Idosos.....	38
5. Vulneráveis e abandonados.....	41
6. Feitiçaria.....	43
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação iremos tratar o seguinte tema: Idadismo e estereótipos: a representação dos adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, “Notícias” e “Savana”, entre os anos 2015 e 2018.

A comunicação social tem um forte papel no processo de construção de estereótipos positivos e negativos por conta da sua dimensão de formação de opinião pública. Como refere Rodrigues (1994) os textos, as imagens e as falas apresentados aos leitores, ouvintes e telespectadores têm um valor significativo. Os estereótipos, que podem ser negativos ou positivos, são o prolongamento da nossa tendência para categorizar e organizar a vasta quantidade de informação que encontramos na vida de todos os dias” (Feldman, 2001, p. 628).

A constatação de ausência de estudos que versam sobre o idadismo (conceito que diz respeito a atitudes, práticas, e preconceitos negativos tendo como base a idade) nos jornais moçambicanos e no geral, o fortalecimento de atitudes idadistas e estereotipadas sobre a representação dos adultos mais velhos, foram as razões que nos despertaram para a realização do presente trabalho. O trabalho contempla o horizonte temporal de 2015 a 2018, pois neste intervalo houve difusão, pelos jornais, de artigos sobre os adultos mais velhos.

O nosso trabalho encontra-se dividido nas seguintes partes: capítulo I, que faz uma contextualização geral sobre o idadismo e estereótipos e perspectivas de envelhecimento; no capítulo II dissertamos sobre os adultos mais velhos e os meios de comunicação social, os paradigmas das representações sociais dos adultos mais velhos e os estereótipos e idadismo nos meios de comunicação; de seguida temos o capítulo III, que apresenta a metodologia que orienta o trabalho e, por fim, temos capítulo IV, que é composto pela apresentação e discussão dos resultados que obtivemos com a análise de conteúdo que fizemos aos artigos selecionados.

Pretendemos com este trabalho responder à seguinte pergunta: como é que os jornais “Notícias” e “Savana” trataram do idadismo e estereótipos e representaram, de 2015 a 2018, notícias sobre os adultos mais velhos?

Através de categorias analisámos os artigos e, por conseguinte, tentámos responder à nossa pergunta de partida. Os jornais têm um importante papel na difusão de estereótipos positivos e negativos, na difusão da maneira como nos devemos comportar perante os adultos mais velhos. Como refere Giddens (2010) “os jornais têm uma larga influência nas nossas experiências e na opinião pública, não apenas por afetarem as nossas atitudes de várias formas, mas também porque são meios de acesso aos conhecimentos de que dependem muitas das nossas atividades sociais” (p. 86).

Em Moçambique, diversos estereótipos movidos por atitudes idadistas acabam, em parte, sendo base para atitudes de violência, exclusão, discriminação e até de rejeição total dos adultos mais velhos. Os jornais, sendo meios de comunicação social, têm o poder de inverter o cenário, no entanto essa reversão só é possível com representações dos adultos mais velhos sem estereótipos negativos e nem concessões idadistas sobre o envelhecimento.

CAPÍTULO I

1. Contextualização sobre o idadismo e estereótipos

O idadismo refere-se a atitudes e práticas negativas generalizadas em relação às pessoas, com base numa característica apenas – a sua idade. O conceito idadismo foi empregue, pela primeira vez, pelo Dr. Robert N. Butler, em 1969 (em inglês, *ageism*), que o definiu como sendo a discriminação e o preconceito em relação a membros de um grupo, principalmente as pessoas idosas (Nelson, 2005; Sánchez, 2007).

Como já referimos, a origem do termo idadismo é atribuída a Robert Butler, quando o usou, em 1969, numa entrevista ao *Washington Post* publicada com o título “Temores de raça e idade vistos na oposição habitacional”. O jornal descrevia a apreensão de proprietários de imóveis em Chevy Chase, Maryland, um afluente subúrbio de Washington, DC, que ficaram preocupados com a decisão do National Capital Housing Authority (NCHA) de transformar um complexo de apartamentos em habitação pública. Ocorreram então manifestações hostis ao projeto, que tinha como objetivo fornecer residências para os idosos pobres, incluindo afroamericanos. Perante essas reações, à primeira vista inexplicáveis, já que os futuros residentes não representavam qualquer tipo de ameaça à localidade, Butler (1969) refletiu sobre os motivos e compreendeu que a construção deste tipo de empreendimento imobiliário naquele local era vista como um fator de desvalorização dos imóveis e de desprestígio dos residentes. Butler conta que durante a entrevista ao *Washington Post* lhe tinham perguntado se tais reações eram sinal de racismo, ao que ele respondeu: não é racismo, é “ageism”.

Assim, podemos afirmar que o termo idadismo surgiu para dar conta de um novo tipo de discriminação negativa baseado na idade das pessoas. A discriminação negativa consiste na negação de um benefício ou direito a algo, com base na classificação de uma pessoa como membro de uma categoria social que, neste caso, é de natureza geracional.

Marques (2011) defende a tese de que as manifestações de atitudes idadistas têm, normalmente, três componentes: estereótipo, preconceito e discriminação. Destaque-se que a discriminação se manifesta em comportamentos e atos efetivos, podendo chegar à violência e aos maus tratos contra pessoas idosas. Em primeiro lugar, o idadismo está associado às crenças ou aos estereótipos que temos relativamente ao grupo das pessoas idosas. Em segundo lugar, as atitudes idadistas estão relacionadas com o preconceito ou

sentimentos que temos em relação a este grupo etário, que às vezes assumem formas disfarçadas como a piedade ou o paternalismo e, finalmente, a discriminação em relação às pessoas idosas. São muitos os exemplos na sociedade, mas talvez o mais exemplificativo seja o abuso e os maus tratos que têm como alvo os indivíduos deste grupo etário.

As atitudes idadistas, ou ligadas ao idadismo, não têm uma única linha, por isso Butler (1980) diferencia dois tipos de idadismo, o maligno e o benigno. O primeiro, pode ser mais prejudicial, uma vez que caracteriza as pessoas como inúteis. Já o segundo, pode ser demonstrado por algumas situações de atitudes inconscientes, por exemplo, por parte de médicos, “pode levá-los a sentir que o tratamento dos complexos problemas físicos das pessoas idosas não vale o seu tempo” (Butler, 1980, p. 9).

O mesmo autor refere que existem três aspetos, distintos mas interrelacionados, sobre o idadismo, como atitudes prejudiciais em relação às pessoas mais velhas e em relação à velhice e ao processo de envelhecimento, muitas das vezes das pessoas mais velhas sobre elas próprias; o outro aspeto está relacionado às práticas de discriminação contra as pessoas mais velhas como, por exemplo, no trabalho; e o último aspeto está relacionado com práticas institucionais e políticas que muitas vezes perpetuam os estereótipos e “reduzem as oportunidades para uma vida satisfatória e enfraquecem a sua dignidade pessoal” (Butler, 1980, p. 9).

O idadismo é um fenómeno universal que se faz presente em diversos campos. “Idadismo, como o sexismo, é universal na literatura, em filmes, televisão e anúncios” (Butler, 1980, p. 9). A estes campos pode-se acrescentar, como é foco do trabalho, o idadismo que se faz sentir na imprensa escrita, jornais.

Para Palmore (1999), o idadismo traduz um preconceito ou uma forma de discriminação, contra ou a favor a um grupo etário. A discriminação pode ocorrer de uma forma pessoal por indivíduos ou institucional, traduzido pela discriminação para com os idosos, resultante da política de uma instituição ou organização. Para este autor, as principais consequências que podem resultar do idadismo são:

- i) a discriminação no emprego – recusa de contratação e promoção dos trabalhadores mais velhos, em prol da aceitação preferencial e promoção dos trabalhadores mais jovens;

- ii) a aceitação da imagem negativa – as vítimas de preconceitos e discriminação tendem a adotar a imagem negativa do grupo dominante, comportando-se de acordo com a mesma. Desta forma, determina-se o que o idoso deve ou não fazer, podendo acarretar distintos custos pessoais, levando-os, por exemplo, a evitar as relações sexuais, novas ideias, a serem improdutivos, conduzindo-os à conformidade social para com os estereótipos negativos do idadismo. Por sua vez, esta conformidade pode resultar na redução da autoestima, das suas habilidades pessoais, bem como induzir a deterioração da sua saúde física e mental.

Segundo Berger (1995, citado por Neri & Jorge, 2006), as principais atitudes negativas em relação à velhice são: gerontofobia (medo irracional de tudo quanto se relaciona com envelhecimento e velhice), automorfismo social (não reconhecimento da unicidade do idoso), idadismo (todas as formas de discriminação com base na idade), e infantilização ou “bebeisme” (situação muito frequente quando o idoso perde autonomia e capacidades tratando-o por tu e utilizando diminutivos, por exemplo).

Por outro lado, Palmore (2003) refere que o idadismo pode ser comparado ao racismo e ao sexismo, embora apresente duas diferenças substanciais face a estes: o idadismo é um tipo de “ismo” de que todos poderemos vir a ser alvos e é o menos conhecido de entre os três. O mesmo autor defende que existem dois tipos de idadismo, a saber: o preconceito (positivo x negativo), este último podendo subdividir-se em estereótipos e atitudes, e a discriminação (positiva x negativa), sendo que esta poderá subdividir-se em discriminação institucional e pessoal. Relativamente à discriminação pessoal, esta corresponde a um comportamento desadequado, assumido pelo próprio perante um determinado grupo etário porque acredita em preconceitos baseados na idade.

Ao idadismo estão associados os estereótipos. Ballesteros (2000) define os estereótipos como sendo rótulos sociais com implicações significativas para a organização social que influenciam o modo como concebemos e nos comportamos face à velhice. Para Palmore (1999), existem essencialmente estereótipos que refletem o preconceito negativo para com as pessoas idosas, são eles: a doença, a impotência sexual, a fealdade, o declínio mental, a doença mental, a inutilidade, o isolamento, a pobreza e a depressão. Os principais estereótipos positivos apontados por Palmore (1999) são a amabilidade, a

sabedoria, o ser de confiança, a opulência, o poder político, a liberdade, a eterna juventude e a felicidade.

Ora, os estereótipos estão também, ligados, sobretudo, aos aspetos físicos e às aparências. Outros autores, como Musaiger e D`Souza (2009), referem que as aparências faciais, em particular, têm sido relatadas como um critério importante para a definição de adultos mais velhos. São diversos os estereótipos que são “colados” aos adultos mais velhos e os motivos que os enraízam a nível social. Por exemplo, Palmore (1999) destaca que a diminuição da capacidade mental, percebida como inevitável em pessoas mais velhas, é um dos diversos estereótipos associados ao envelhecimento.

O idadismo coloca no centro da idade cronológica conforme acentuam autores como Zimmerman (2005) e Arantes (2003). E deixa de lado a importante ideia de que o envelhecimento é uma experiência subjectiva e cronológica, Debert (1998) e Bosi (1994) e Messy (1999).

2. Perspetivas sobre o envelhecimento

A origem etimológica da palavra *velhice* provém de velho, que procede do latim *veclus*, *vetulus* definidos como “pessoa de muita idade” (Magalhães, 2004). Costa (2002) define o envelhecimento como “processo experiencial subjetivo, que pode definir-se como a auto-regulação exercida através de decisões e escolhas para a adaptação ao processo de senescência” (p. 37). O mesmo autor acrescenta um novo conceito na definição de envelhecimento: a senescência. Para Costa, o envelhecimento é um processo da mudança do corpo humano com o tempo, sendo que da senescência resulta um aumento da vulnerabilidade e a probabilidade de morte.

O envelhecimento é também definido como sendo um processo que ocorre desde o nascimento até à morte do indivíduo e a ele estão associadas alterações, quer a nível morfológico, funcional, bioquímico e psicológico. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prevê que em 2025 exista 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo que os muito idosos (com 80 ou mais anos) constituem o grupo etário de maior crescimento.

Domenico De Masi (2000) destaca que a velhice se reduz aos últimos dois ou três anos que precedem a morte, que geralmente são marcados por inabilidades físicas ou psíquicas. O mesmo autor afirma que “basta observar a progressão das despesas médicas e farmacêuticas: no último ano de vida nós gastamos uma quantia equivalente a que tínhamos gasto durante toda a vida até aquele momento. E o último mês custa tanto quanto o último ano inteiro. Portanto a velhice é calculada não a partir do ano de nascimento, mas tendo como referência a morte” (p. 275).

Por outro lado, Yates (1993) considera o envelhecimento como um processo termodinâmico de quebra de energia, que é geneticamente determinado e condicionado ambientalmente, deixando resíduos que progressivamente aumentam a probabilidade de ocorrência de muitas doenças, de acidentes e de instabilidades dinâmicas, que por fim resultam na morte, e este também se manifesta por declínio da integridade funcional de um órgão, tecido ou células particulares, ou como uma falha de cooperação entre componentes biológicos, ou ainda pelo aumento, com a idade, da associação entre funções que causam instabilidade dinâmica.

Baltes (1987) apresentou os princípios do desenvolvimento cognitivo na idade adulta e velhice, de onde se pode concluir que:

1. o envelhecimento é um processo que acarreta mudanças ontogenéticas, traduzidas no declínio das capacidades intelectuais dependentes do funcionamento neurológico, sensorial e psicomotor. Essas mudanças refletem-se na diminuição da plasticidade comportamental;
2. As mudanças intelectuais de base ontogenética não significam descontinuidade da capacidade adaptativa e incompetência cognitiva generalizada: as reservas de experiência podem ser ativas e otimizadas pelos mais velhos, de modo a compensar o declínio nas capacidades de processamento da informação resultantes do processo de envelhecimento;
3. O envelhecimento intelectual é uma experiência heterogênea; isto é, pode ocorrer de modo diferente para indivíduos e coortes que vivem em contextos históricos e sociais distintos. Essa diferenciação depende da influência de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade e da incidência de patologias durante o envelhecimento normal;

4. Há diferentes padrões de envelhecimento intelectual, do patológico ao ótimo, passando pelo normativo, compartilhado pela maioria das pessoas. É relativo às mudanças biológicas que ocorrem depois que os indivíduos atingem a capacidade de reproduzir a espécie e, entre a quarta e a quinta década de vida, converge para o aparecimento de alterações anatómicas e funcionais que definem o envelhecimento. Não se trata de doenças, mas de processo natural, dependente da programação genética da espécie;
5. O envelhecimento intelectual é um processo multidimensional e multidirecional: diferentes capacidades começam a mudar em diferentes momentos, com diferentes resultados sobre diferentes indivíduos submetidos a diferentes experiências biológicas, educacionais, históricas e de personalidade;
6. Respeitados os limites impostos pela biologia e as personalidades abertas pela educação formal e não-formal a que foram expostos ao longo da vida, é possível alterar o desempenho intelectual de idosos por meio de intervenções clínicas, educacionais e experimentais.

Há diversas teorias que se debruçam sobre o processo de envelhecimento. Cada teoria tem os seus fundamentos e pontos de análise. No entanto, o envelhecimento é sempre analisado e estudado tendo em conta dois conceitos distintos: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo. Interessa-nos, neste presente momento, analisar esses dois conceitos.

Por exemplo, Schaie (1999) desenvolve nas suas análises as teorias biológicas e biomédicas (teorias do stress, teorias neuropsicológicas e outras), teorias psicológicas (cognitivas, psicossociais, emotivas) e teorias sociais (antropológicas, construtivas, político-económicas).

Note-se que o envelhecimento individual é analisado, por diversos autores, tendo em conta duas perspetivas: cronológico e biopsicológico. Na perspetiva de Filho e Alencar (1994), o conceito de envelhecimento individual é um processo dinâmico e progressivo onde há modificações morfológicas e funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando uma maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Para Rosa (2012) o envelhecimento cronológico pode ser tomado como sendo um processo universal, progressivo, inevitável, ao que parece inscrito aos genes. A autora (2012) sustenta que “Envelhecemos desde que somos concebidos, faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, ao qual ninguém com vida escapa” (p. 19). Por outro lado, temos a idade social que constitui um processo feito de dinâmicas sociais e diz respeito ao comportamento do adulto mais velho e como é normalmente esperado que se comporte uma pessoa nessa idade.

Quando se fala em envelhecimento é importante, também, falar de envelhecimento coletivo. Muitos autores dividem este envelhecimento em dois conceitos: o envelhecimento demográfico (população) e o envelhecimento da sociedade.

Para entender o envelhecimento demográfico, segundo Rosa (2012), é necessário ter presentes que existem idades, além dos atributos pessoais (classe social de pertença, qualificações e competências, capacidades, estado de saúde, vivências anteriores, idade exata, etc.), todos os indivíduos são classificados em categorias fixas. Estas categorias etárias são, por facilidade e simplificação, usualmente referidas como as idades jovem, ativa e idosa.

Para Neri (2005), o envelhecimento social ou a idade social está profundamente ligado à avaliação do grau de adequação de um indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas da sua idade. Num dado momento da história de cada sociedade a idade social não é restrita apenas os idosos, mas sim para os diferentes grupos etários existentes. Por outro lado, Bettencourt da Câmara (2015) destaca que o envelhecimento social está relacionado, por exemplo, com alterações nos papéis sociais, alterações na família, nas condições de trabalho, na reforma, na viuvez, ou a solidão, ou seja, todas as questões que estejam relacionados com aspetos sociais.

De forma resumida, podemos dizer que o envelhecimento não pode ser visto apenas numa perspetiva física, pois trata-se de um processo complexo que não se resume apenas à estrutura corporal. Fontaine (2000) refere que:

Assim, podemos dizer que os indivíduos envelhecem de formas muito diversas e, a este respeito, podemos falar de idade biológica, de idade social e de idade psicológica, que podem ser muito diferentes da idade cronológica. **Idade biológica** - está ligada ao envelhecimento orgânico.

Cada órgão sofre modificações que diminuem o seu funcionamento durante a vida e a capacidade de auto-regulação torna-se também menos eficaz. **Idade social** - refere-se ao papel, aos estatutos e aos hábitos da pessoa, relativamente aos outros membros da sociedade. Esta idade é fortemente determinada pela cultura e pela história de um país. **Idade psicológica** - relaciona-se com as competências comportamentais que a pessoa pode mobilizar em resposta às mudanças do ambiente; inclui a inteligência, memória e motivação (p. 86).

3. Teorização das principais categorias

Velhos e velhice

O envelhecimento não se deve apresentar como sinónimo de inatividade, inutilidade ou perda total de capacidades, pelo que, reconhecendo que a educação é permanente, que a aprendizagem se faz ao longo da vida, a educação pode constituir-se como uma mais-valia para os idosos, fomentando a construção de novos objetivos e projetos de vida.

Efetivamente, a aprendizagem ao longo da vida diz respeito a “toda a atividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objetivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspetiva pessoal, cívica, social” (Castro & Imaginário, 2011, p. 78).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002), as sociedades estão a envelhecer, sendo possível observar uma transformação demográfica sem precedentes na história da humanidade. A velhice é tomada, muitas vezes, como uma fase da vida cheia de despesas e incapacidade – este é, na verdade, um dos preconceitos que os adultos mais velhos têm sofrido.

Aliás, na perspetiva de Rosa (2012), ao falarmos do envelhecimento da população associamos o agravamento das despesas sociais, particularmente com a proteção social e de modo especial com as pensões na velhice. Este facto conduz à famosa incerteza da sustentabilidade do sistema de Segurança Social, face ao agravamento das despesas com as pensões de velhice ou de reforma e a necessidade do aumento progressivo do esforço contributivo.

A mesma autora reforça a ideia de que as sociedades envelhecidas convivem muito mal com o envelhecimento da população e pouco têm aproveitado este processo demográfico para reverem alguns dos seus princípios e dos seus modelos, os quais se revelaram, por ventura, muito úteis em circunstâncias passadas, mas totalmente desatualizadas da realidade atual, quando as suas estruturas populacionais não estavam envelhecidas. Esta autora refere que a sociedade não acompanhou, na sua forma de organização e de pensar, as alterações da sua composição e da realidade com que se confronta.

Abusos e maus-tratos

Os adultos mais velhos sofrem, frequentemente, abusos e maus-tratos. Muitas das vezes, essas atitudes encontram espaço no seio familiar e, por vezes, até na esfera pública. Para a OMS, na declaração de Toronto, em 2002, na qual o abuso os abusos e maus-tratos podem ser definidos como “qualquer ato isolado ou repetido ou a ausência de ação apropriada, que ocorre em qualquer relacionamento em que haja uma expectativa de confiança e que cause dano a uma pessoa idosa”. Abuso financeiro, abuso físico, negligência, abuso psicológico e abuso sexual são algumas formas de maus-tratos que muitos adultos mais velhos têm sofrido.

Há diversas correntes que abordam a questão dos abusos e maus-tratos contra os adultos mais velhos. A manifestação desse estereótipo negativo, como fora referido, acontece por diversos motivos. Por exemplo, Brasil (2001) reafirma a ideia de que os abusos abarcam toda e qualquer ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física e psicológica, ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um integrante do núcleo familiar. Pode ser cometida dentro ou fora de casa, por qualquer membro da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida e inclui também as pessoas que exercem a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue.

Estudos apontam que só nos finais dos anos 70 do século passado é que o abuso e maus-tratos contra os adultos mais velhos foram reconhecidos como um problema social. O estereótipo dos abusos e maus-tratos contra os adultos mais velhos tem diversas consequências negativas. Conforme refere Dias (2005), os idosos tendem a desenvolver atitudes de culpa, baixa auto-estima, isolamento social e entram mais facilmente em depressão, sofrem perturbações do sono, reforçam as suas dependências e o estigma

social. Com isso podemos concluir que os abusos e maus-tratos são um mal por si só, mas também fazem surgir nos adultos mais velhos outros males “incuráveis”.

Dias (2009) faz uma investigação profunda para saber os principais fatores de risco que fazem surgir o estereótipo de abusos e maus-tratos aos adultos mais velhos. Ora, a pesquisa de Dias sugere, em toda a sua explanação, a existência de cinco (5) fatores ligados a este estereótipo: i) as dinâmicas intraindividuais; ii) a transmissão intergeracional dos comportamentos violentos (o ciclo de violência); iii) os desiguais níveis de dependência entre os agressores e os idosos; iv) o isolamento social; v) o stress externo.

Por sua vez, Faleiros (2004) refere-se à violência contra o idoso implicada na rutura do pacto da confiança e também na negação desse sujeito nos seus direitos e nas suas necessidades. Como se pode perceber, a vivência de maus-tratos expõe a rutura desse pacto de confiança que se estabelece implicitamente e, ao ser quebrado, remete a sentimentos de desamparo e decepção.

É importante destacar que muitas vezes os abusos e maus-tratos contra os adultos mais velhos acontecem por associação de um outro estereótipo negativo que aqui destacamos: a feitiçaria.

Idosos

Há uma perspetiva que refere que os idosos são todas aquelas pessoas que têm muita idade ou com idade avançada. Rodrigues e Soares (2006) referem que, para efeito legal, idoso é a denominação oficial de todos os indivíduos que tenham 60 anos de idade ou mais. E, ainda segundo os autores, esse é o critério adotado para fins de censo demográfico, utilizado também pela OMS e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento.

Em algumas literaturas os ditos “idosos”, os adultos mais velhos, são apresentados como sendo pessoas pertencentes à terceira idade. Neste contexto, Peixoto (1998) recorda-nos que a designação de “terceira idade” teve origem na França, nos anos 60, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visando a transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Sobre a nomeação de “idoso”, o

mesmo autor refere que “[...] a designação de idoso era restrita aos indivíduos que tinham *status social* advindo de sua experiência em cargos políticos, decorrente de situação financeira privilegiada ou de alguma atividade valorizada socialmente” (p. 98).

Por sua vez, dos Santos Nara (2010), defende que o idoso pode ser considerado como aquele indivíduo que já possui um processo de progresso na idade, mesmo que não apresente características de dependência ou fragilidade física e intelectual, ocasionadas pela velhice. Para este mesmo autor, o conceito de idoso transpõe o limite etário e passa a desempenhar influência no quotidiano dos indivíduos, em diferentes esferas sociais tais como trabalho, família, na sociedade e não se restringe ao nível biológico e apresenta diferenças entre indivíduos segundo o lugar e grupos sociais.

As definições sobre o “idoso” são diversas, sendo verdade que muitas delas tendem a levar-nos a ideias estereotipadas e negativas. Por exemplo, para Renaud (2008) o conceito de “idoso” faz uma referência profunda a um “ser em devir”. Trata-se, neste contexto, de uma afirmação com um estereótipo positivo sobre os adultos mais velhos.

Numa outra perspectiva, Fonseca (2004), refere que uma pessoa “idosa” é “um ser humano que vive a sua condição existencial à semelhança de qualquer outro”. Trata-se, também, de uma ideia que nos remete a um estereótipo positivo, pois defende que o “idoso” é um sujeito dentro de qualquer circunstância, dono de si próprio, capaz, com capacidades como qualquer um e, acima de tudo, um ser que não merece ser respeitada.

Devemos concordar com Bize e Vallier (1985) quando referem que, de acordo com a atual valorização social, ser-se idoso tem-se tornado também, pouco a pouco, sinónimo de “incómodo para a família”, que tem de lidar permanentemente com o idoso e com as suas características. Para a sociedade, este constitui um fardo pesado, pois tem que disponibilizar verbas e condições adequadas a alguém que se tornou improdutivo.

Vulneráveis e abandonados

Os adultos mais velhos sempre ocuparam um papel importante dentro das sociedades. Na sociedade africana, e em especial no espaço moçambicano, o adulto mais velho é visto como sendo uma ponte que une gerações, tempos, memórias e, acima de tudo, uma espécie de biblioteca que alimenta as novas gerações. No entanto, as atitudes

idadistas têm afastado os adultos mais velhos da sociedade e colocando-os à margem de tudo. Taimo (2013), refere que os adultos mais velhos em Moçambique perderam a posição e os privilégios que tinham – já não são visto como os “poços” da sabedoria e experiência; já não são ouvidos com respeito e nem mais são vistos como sendo conselheiros em diversos eventos comunitários. Nisto, podemos afirmar que alguns estereótipos negativos tendem a tornar os adultos mais velhos vulneráveis ao abandono e não só.

Ainda sobre o ser um adulto mais velho no contexto africano, Fonseca (2008) argumenta que o “idoso”, adulto mais velho é “aquele que representa o saber da comunidade, o contador, o *griot*, está inscrito numa tradição em que o ‘ser idoso’ e o ter conhecimento aprofundado das histórias dos antepassados são elementos que valorizam o indivíduo no grupo a que pertence”.

Na perspetiva de Pinto (2005), uma sociedade com base em valores culturais, pode valorizar ou desvalorizar, tornar vulnerável ou abandonar os adultos mais velhos, uma vez que em determinadas sociedades são considerados indivíduos inativos relativamente à produtividade e portanto pessoas sem utilidade, sem estatuto nem influências na sociedade a que pertencem.

Num outro ângulo, Minayo (2003), refere que na sociedade capitalista, prevalece ainda a ideia de que o idoso é um ser inútil, pois é habitualmente tratado como algo descartável. Segundo a autora, essa ideia é incutida pelo próprio sistema e deve-se ao facto de o idoso já não produzir, não ser mais uma força de trabalho no mercado atual e, portanto, deixa por isso de ter valor.

A vulnerabilidade dos adultos mais velhos é, no fundo, fruto de diversas condições e momentos. Não se trata de uma única vulnerabilidade; como tal, Ayres (2003) fala-nos de três tipos de vulnerabilidade: a individual, social e programática.

A vulnerabilidade individual refere-se ao grau e à qualidade da informação de que os indivíduos dispõem sobre determinado problema, à capacidade de elaborar essas informações e incorporá-las no seu quotidiano, ao interesse e às possibilidades efetivas de transformar essas preocupações em práticas protegidas e protetoras. Portanto, vulnerabilidade individual é o que uma pessoa, na sua singularidade, pensa, faz e quer, e o que, ao mesmo tempo, a expõe ou não à aquisição de um agravamento de saúde.

O mesmo autor avança que a vulnerabilidade social é atribuída ao modo de obtenção de informações, como acesso aos meios de comunicação, escolaridade, disponibilidade de recursos materiais, poder de influenciar decisões políticas, possibilidades de enfrentar barreiras culturais, estar livre de coerções violentas ou poder defender-se delas, bem como todos os aspectos referentes à estrutura, à organização e à dinâmica familiar.

E por fim fala-nos da vulnerabilidade programática reportando-se aos recursos sociais de que as pessoas necessitam para não se exporem a situações de risco e se protegerem dos danos, que sejam disponibilizados de modo efetivo e democrático. Ou seja, refere-se ao grau de alerta e preocupação com o problema, quanto ao modo que se organiza para enfrentá-lo (planeamento, recursos, capacidade, gerência e avaliação), que impede ou limita a intervenção.

Feiticeiros

A associação de envelhecimento com a feitiçaria é um estereótipo negativo presente na sociedade moçambicana. Os adultos mais velhos em Moçambique são tidos, muitas vezes, como feiticeiros – poucas são as vezes que não são linchadas pelos seus próprios familiares.

Sayagues, Muchaga e da Silva (2011) defendem que outros adultos mais velhos são abandonados, expulsos de suas casas, maltratados pelos parentes quando estes pretendem lhes tirar algum bem. As autoras fazem também referência a um fenómeno que acompanha essas atitudes. “Ainda há aquelas violadas sexualmente o que é licenciado por certos tabus” (p. 86).

Ora, mais adiante as autoras levantam as possíveis causas de comportamento a nível social: a crise de valores, a tendência para a nuclearização da família, a falta de noções sobre a questão do envelhecimento no ensino formal em todos os níveis, de direitos humanos, de solidariedade e de respeito pelo outro, são fatores que conduzem à degradação do relacionamento entre jovens e pessoas idosas.

Há em Moçambique diversas organizações não-governamentais que trabalham em prol dos direitos dos adultos mais velhos. São essas mesmas organizações que, muitas vezes, fornecem a realidade que os adultos mais velhos passam no seu dia-a-dia. Por exemplo,

a *Help Age* Internacional em Moçambique (2006), refere num dos relatórios, em jeito de intróito, que os adultos mais velhos numa comunidade enfrentam muitos desafios, tais como negligência caracterizada pela falta de respeito, intimidação, violência física e psicológica, solidão e humilhação. Adicionalmente, sofrem maus-tratos e expulsão no seu seio familiar e na comunidade, confiscação e destruição dos seus bens móveis e imóveis, e até assassinatos – esses assassinatos motivados por atos ligados à acusação por feitiçaria.

Há que destacar que o envelhecimento é muitas vezes, culturalmente, ligado à feitiçaria, ou seja, só os adultos mais velhos podem ser feiticeiros, pois tem uma idade biológica avançada. Ora, essa ideia é apresentada e sustentada por Mondlane (2017, p: 25-26):

A violência praticada contra o idoso manifesta-se em muitos dos casos através da acusação de feitiçaria, ligada aos aspectos de ordem cultural enraizadas no contexto moçambicano, esses aspectos refletem-se na feitiçaria, já que o agressor acredita na existência de forças sobrenaturais que detém o poder de agir sobre o indivíduo, com o intuito de o prejudicar, na sua vida social, má sorte no emprego, escola, mulheres/homens e demais situações. Na sua maior a feitiçaria é confundida com a velhice, deste modo acredita-se que somente a pessoa idosa tem o poder de lançar o feitiço. Essas acusações refletem-se na humilhação, abandono, agressão física e psicológica. Ela acontece em diferentes formas e lugares, sendo provocadas na sua maioria pelos cuidadores primários.

Os feiticeiros são combatidos a todos os níveis, pois são vistos como seres que criam desequilíbrio social, que atormentam o bem-estar, a harmonia comunitária e como origem infalível de acontecimentos desagradáveis dentro das suas próprias famílias e não só. Meneses (2008) reforça a posição de que a feitiçaria representa um comportamento que se desvia das normas aceites numa sociedade: os feiticeiros são maus e criam desarmonia nas relações sociais; eles representam um risco para a estabilidade da comunidade. Nessa perspetiva “chamar a alguém ‘feiticeiro’ equivale a pronunciar essa pessoa como traiçoeira, situando-a num relacionamento antagónico com o resto da comunidade/sociedade. Porque as práticas de feitiçaria são impossíveis de

detectar ou verificar por meios ‘normais’, as pessoas acusadas de tais práticas são vistas como destruidoras da solidariedade social do grupo”.

Os adultos mais velhos que são acusados designados de feiticeiros perdem, automaticamente, espaço dentro da comunidade ou sociedade; são isolados, rejeitados pelos seus familiares e em última instância tirados a vida. Trata-se de um estereótipo negativo, uma atitude de negação do espaço dos adultos mais velhos no seio familiar, comunitário e social.

Evans (1992), entende que uma pessoa [adulto mais velho] acusada de ser feiticeira representa uma ameaça à solidariedade comunitária, devendo ser descoberta e combatida através de todos os meios de que a comunidade dispõe. É esta ideia de traição ao próprio grupo, um ataque à verdadeira base da estrutura social que transforma a suspeita da prática de feitiçaria num crime odioso.

Há um peso elevado para quem é acusado de feitiçaria. O castigo para estas ofensas variava desde uma multa que podia ser paga com gado, até à própria morte do acusado, passando por castigos corporais, exílio e confiscação de bens pertencentes à família do acusado.

Os artigos que serão aqui analisados foram selecionados em dois (2) jornais moçambicanos, *Notícias* e *Savana*, tendo em conta os critérios de noticiabilidade. Segundo Shoemaker (1991: 21-22), são fatores como a oportunidade, a proximidade, a atualidade, o provável interesse do público, a importância, o impacto, as consequências e repercussões, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a emoção, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade.

Os critérios usados para a seleção dos jornais *Notícias* e *Savana*, dentre os vários existentes em Moçambique, foram os seguintes: o número de impressão a nível nacional, conteúdo editorial e número de leitores.

Ademais, quando fizemos o levantamento dos artigos noticiosos, notamos, em grande parte, que os dois jornais não reportavam sempre assuntos ligados aos adultos mais velhos; havendo, neste contexto, momentos ou datas que serviam de pretexto para o fazerem. Os trinta (30) artigos, de ambos jornais, reportam sobre a situação dos adultos

mais velhos em Moçambique sempre que se aproximasse o Dia Internacional do Idoso é comemorado anualmente a primeiro de Outubro.

Os jornais *Notícias* e *Savana*, apesar das suas diferenças de gestão têm a maior tiragem em Moçambique. Essa tiragem acaba, em parte, facilitando a sua circulação em quase todo o país. É verdade que o *Notícias* possui uma abrangência nacional quando comparado ao *Savana*. O conteúdo editorial foi também decisivo na escolha desses jornais, pois são periódicos que abordam cenários nacionais e com uma publicação permanente à questão que nos propusemos a analisar – o idadismo. Ora, o número da impressão, ou tiragem, desses dois jornais acaba fazendo com que sejam os mais lidos e, acima de tudo, fazedores da boa parte da opinião pública.

Os artigos foram selecionados tendo em contas os critérios de análise que listamos nesse trabalho. Todos os artigos foram extraídos das colunas sociais dos dois jornais, pois essa secção aborda o assunto em análise este trabalho. Dentre os vários artigos selecionados, mais atenção demos aos que foram publicados com imagens reais ou ilustrativas.

Para o presente trabalho, optamos por realizar a análise de conteúdo que é um conjunto de técnicas amplamente difundido e empregado para a análise de dados qualitativos como refere Silva e Fossá (2013). Bardin (1977) e Pinheiro (2014) defendem que esse conjunto de técnicas que analisam as comunicações tem como objetivo investigar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador e permite de maneira sistemática descrever as mensagens e as atitudes associadas ao contexto da enunciação, assim como inferir sobre os dados colectados.

Numa outra perspectiva, Campos (2004) afirma que o método da análise de conteúdo é determinado por duas fronteiras: a linguística tradicional e o território do sentido das palavras ou hermenêutica. No primeiro, a análise contemplará os métodos lógicos estéticos em busca dos aspectos formais característicos do autor do texto. No segundo, os métodos são puramente semânticos estruturais. Nesse sentido, ocorre que o objetivo da análise de conteúdo não é apenas se debruçar sobre os dados de forma quantitativa, é acima de tudo alcançar uma profunda significação contida nos textos por meio da interpretação de mensagens que estejam obscuras, subliminares ou com duplos sentidos das quais só é possível atingir a significação profunda após uma cuidadosa observação ou observação carismática como destacam Rocha e Deusdará (2005).

A análise de conteúdo dos artigos obedeceu a um critério. Optámos em separar os artigos num tema já definido, a dos adultos mais velhos, e depois seguiu-se a classificação por reagrupamento por categorias – efetivando, assim, a metodologia de Bardin (2006): análise temática ou categórica.

A tabela com as categorias principais, em anexo, apresenta, também, as subcategorias identificadas. No critério de tratamento de dados, ainda no contexto da metodologia do mesmo autor, fizemos a codificação de uma análise de conteúdo que obedeceu aos seguintes prismas definidos: i) definição de categorias de análise; ii) identificação de subcategorias; iii) análise das categorias.

A análise dos artigos, introduzidos sempre por pequenos excertos, permitiu-nos identificar os estereótipos negativos e positivos, alguns neutros, sobre os adultos mais velhos nos artigos, agrupá-los nas temáticas de análise ou categoria, visto que assim se repartem da melhor maneira possível os elementos à medida que vão sendo encontrados (Bardin, 2006).

CAPÍTULO II

1. Adultos mais velhos e meios de comunicação social

De acordo com Pinheiro (2005), o conceito de comunicação vem do latim *communicare*, que significa tornar comum, compartilhar, trocar opiniões, associar, conferenciar. O ato de comunicar implica trocar mensagens que, por sua vez, envolvem a emissão e a recepção de informações. Comunicação é a provocação de significados comuns entre comunicador e intérprete utilizando signos e símbolos. O mesmo autor refere que tendo em vista a intencionalidade, a comunicação desempenha um exemplar poder. Fazendo uso da comunicação podemos convencer, persuadir, influenciar, despertar interesses e sentimentos e, ainda, provocar expectativas.

Os meios de comunicação social têm um importantíssimo papel dentro de uma sociedade. Esses meios podem ser vistos dentro de duas perspectivas: os meios de comunicação social como espelhos da realidade e os meios de comunicação social como construtores da realidade. Como bem destaca Cruz (2008), os meios de comunicação social retiram e valorizam conteúdo simbólico do meio envolvente e a realidade só se concretiza, efetivamente, depois de ser percebida, ou, melhor, percebida.

A teoria dos meios de comunicação social como espelhos da realidade defende que eles funcionam como espelhos da nossa realidade, refletindo normas e valores da sociedade; ou seja, os meios de comunicação social, também designados por *media*, são vistos como canais que nos transmitem um reflexo objetivo da nossa realidade.

Ora, o modelo dos meios de comunicação social como construtores da realidade refere, em parte, que eles constroem e mudam eventos, afetando a forma de as pessoas pensarem, acreditarem e agirem.

Na visão de Lewis (1976), esta perspectiva socorre-se dos pressupostos do interacionismo simbólico - perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas - que no caso, as notícias transmitidas pelos meios de comunicação advêm da interação de diversas variáveis como, por exemplo, a interação social dos jornalistas

com a sociedade, entre os jornalistas e as suas fontes, o que faz com que estes não tenham um papel passivo na construção da realidade (Cruz, 2008).

2. Paradigmas sobre as representações sociais

As representações sociais têm a sua origem no século XIX e o seu estudo foi inicialmente desenvolvido nas áreas da Sociologia e da Antropologia (Moscovici, 1999). O conceito de representações sociais surgiu através de Serge Moscovici, com a sua tese de doutoramento, *La Psychanalyse: son image et son public*, publicada em 1961. No entanto, a origem das representações sociais ocorreu através de Émile Durkheim que propôs o conceito de representações coletivas. Durkheim propôs o conceito de representação, em que este se referia “acima de tudo a uma vasta classe de formas intelectuais: ciência, religião, mitos, categorias de espaço e tempo” (Moscovici, 1988, p. 218).

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são criadas pela necessidade de saber como se ajustar, se comportar no mundo, dominando fisicamente ou intelectualmente, assim como identificar e resolver os problemas que se apresentam: “Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta” (p. 17). Para Moscovici (1978), o trabalho de representação consiste em abrandar o carácter de estranheza de um dado objeto, em introduzi-lo no espaço do habitual, do comum, ao provocar a aproximação de ponto de vista, de “expressões separadas e díspares que, num certo sentido, se procuram” (p. 67).

O mesmo autor (1981) defende que a ideia de representação social remete a um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no quotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, na nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum. Por outro lado, Jodelet (2001) atribui cinco (5) atributos fundamentais às representações sociais:

- i) É sempre a representação de um objeto;
- ii) Tem sempre um carácter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, percepção e o conceito;

- iii) Tem um carácter simbólico e significante;
- iv) Tem um carácter construtivo;
- v) Tem um carácter autónomo e criativo.

Mais adiante (1988), o autor refere que existem três formas de as representações se tornarem sociais: i) representações sociais hegemónicas: que refletem homogeneidade e estabilidade, sendo uniformes e coercivas, e são partilhadas por todos os membros de um grupo estruturado, mesmo que não tenha sido esse grupo a criá-las; ii) representações sociais emancipadas: que resultam da circulação de conhecimento e ideias de subgrupos, uma vez que cada um cria a sua versão e partilha-a com outros, e elas são sociais em virtude da divisão de funções e da informação reunida e coordenada pelos seus meios; iii) representações sociais polémicas: resultam do conflito social e a sociedade como um todo não as partilha, devendo ser vistas como uma oposição ou luta entre grupos.

As representações sociais, enquanto aspetos que dizem respeito ao conteúdo do pensamento quotidiano e ao conjunto de ideias que dão coerência às nossas crenças religiosas, ideias políticas e às conexões que criamos espontaneamente, são formadas por processos próprios e obedecem a uma determinada dinâmica.

Na perspetiva de Mocovici (2000), na formação das representações sociais destacam-se dois processos: a ancoragem e a objetivação. O autor descreve estes dois mecanismos ressaltando a importância da sua compreensão. A ancoragem é “um processo que atrai algo estranho e perturbador que nos intriga no nosso sistema particular de categorias e compara-o ao paradigma de uma categoria que achamos adequada” (Mocovici, 2000, p. 42). Segundo o autor, ancorar é classificar e nomear algo. Com esta classificação não é possível a neutralidade na atribuição já que vai ser atribuído a cada coisa ou ser, um valor negativo ou positivo e um lugar em determinada hierarquia.

Jodelet (1989), por outro lado, atribui à ancoragem duas maneiras de formar as representações. Esta fá-lo ao enraizar a representação e o seu objeto na rede de significações que com os valores sociais predominantes lhes dá sentido. A outra forma consiste em servir à instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para interpretação e gestão do ambiente, e então se situa em continuidade com a objetivação. A objetivação é o processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata

ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou ideias resultando numa organização estrutural dos conteúdos semelhante a um mapa conceitual.

Ainda segundo Moscovici (1988) existem duas maneiras de uma representação constituir algo real, são então a performativa e a construtiva. É performativa, uma vez que, ao ser partilhada vai definir uma determinada situação; e é construtiva, pois é ela mesma que seleciona e relaciona as pessoas ou os objetos permitindo-lhes comunicar e agir através de conceitos e imagens em comum.

Depois de falarmos do processo de formação das representações sociais, é importante destacar os mecanismos que tornam as representações sociais. Podíamos, neste contexto, evocar diversos autores que dissertam sobre esses aspetos; no entanto, destacaremos as três formas, que na ótica de Moscovici (1988), tornam as representações sociais:

- i) representações sociais hegemónicas: que refletem homogeneidade e estabilidade, sendo uniformes e coercivas, e são partilhadas por todos os membros de um grupo estruturado, mesmo que não tenha sido esse grupo a criá-las;
- ii) representações sociais emancipadas: que resultam da circulação de conhecimento e ideias de subgrupos, uma vez que, cada um cria a sua versão e partilha-a com outros, e elas são sociais em virtude da divisão de funções e da informação reunida e coordenada pelos seus meios;
- iii) representações sociais polémicas: resultam do conflito social e, a sociedade como um todo não as partilha, devendo ser vistas como uma oposição ou luta entre grupos.

3. Estereótipos e idadeísmo nos meios de comunicação social

Os meios de comunicação social, *media*, tal como outros segmentos sociais criam estereótipos e, de uma certa forma, transmitem atitudes que são férteis para o surgimento do idadeísmo e, assim, discriminar os adultos mais velhos. Os *media*, pela sua capacidade de mover e moldar a opinião pública, são, sem sombras de dúvidas, um canal que pode ajudar a minimizar estereótipos e representações idadeístas.

Campos (2007), no seu estudo sobre a “Visibilidade do idoso nos meios de comunicação”, indica que os idosos devem procurar ajuda externa para reafirmar a sua boa imagem na sociedade, devem organizar-se e condenar publicamente os meios de comunicação que tratam inadequadamente a imagem do idoso, além de cobrar dos poderes públicos e dos políticos tratamento justo e respeitoso.

Nem sempre os adultos mais velhos tiveram espaço nos *media*. Os adultos mais velhos passaram a ser o “centro” dos *media* a partir de um determinado momento. Fraiman (1995) alega que na década de 80 os idosos apresentavam pouca participação na imprensa, uma vez que sua imagem era carente de representatividade. Com o aumento da participação da população idosa na sociedade, na década de 90, o mesmo autor relata que os idosos passaram a ter mais representações nos *media*.

Como refere Rodrigues (1994) a imprensa produz certas representações sobre o envelhecimento e, nesse sentido, desempenha a função de ponto de referência. Desta forma, os textos, as imagens e as falas apresentados aos leitores, ouvintes e telespectadores têm um valor significativo.

Os meios de comunicação têm uma representação social própria dos adultos mais velhos. A representação que fazem dos adultos mais velhos acaba sendo uma espécie de referência que é usada na construção de discursos e opiniões. Quando abordam questões dos adultos mais velhos, esses meios criam imagens, símbolos e estereótipos. Como refere Mascaro (1993), os jornais, particularmente, podem espelhar a situação existencial do velho, do seu papel vivido no espaço público e privado e o sentido da velhice, bem como o seu estigma.

Schudson (1995) explica que vê as notícias não como simples informação de factos e para Gans (1980), as notícias são consideradas produtos culturais. Nesse aspeto, a informação não é o mais importante que há nos jornais, mas sim como as notícias são vistas como produtos culturais e geradores de conhecimento público.

O jornalismo é um sistema de produção cultural, capaz de produzir representações para um público leitor que acaba por receber essas representações. Como afirma Navarro (2008), pelos *media* há a produção de uma lembrança discursiva que desempenha um importante papel na composição das identidades, pois “os textos dos média funcionam como um dos lugares da memória, na medida em que materializam sentidos inscritos

em outro lugar. Logo, no fio discursivo é possível encontrar indícios de um trabalho da memória na materialidade desses discursos” (p. 234).

CAPÍTULO III

1. Metodologia de investigação

A iniciarmos este capítulo é importante esclarecermos o que é metodologia. Metodologia significa, etimologicamente, o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer pesquisa científica, os quais respondem a como fazê-la de forma eficiente. Ainda sobre a origem etimológica desse conceito, podemos acrescentar que o mesmo, segundo Michaelis (2021), vem do latim *methodus*, “maneira de ir ou de ensinar”, do grego *methodos*, “investigação científica, modo de perguntar” (originalmente “perseguição, ato de ir atrás”). É uma evolução de *metà* (στόχος – “atrás, depois, para além de, mudança, união, transformação”) mais *hodos* (Χόδος – “caminho”), acrescida de sufixo referente ao grego *logos* (λογία – “palavra, estudo, tratado”).

Ludke e André (1986) e Santos (2002) defendem que investigar é um esforço de elaborar conhecimento sobre aspetos da realidade na busca de soluções para os problemas expostos. Num outro ângulo, Bell (1997) refere que “uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente” (p. 87). Podemos, também, considerar a definição que Alves (2003) nos apresenta:

A metodologia é um instrumento do pesquisador, uma vez que é através da especificação dos caminhos a serem adotados que se torna possível delimitar a criatividade e definir o como, onde, com quem, com quê, quanto e de que maneira se pretende captar a realidade e seus fenómenos (p. 23).

Qualquer investigação científica obedece a uma determinada metodologia para a sua efetivação. Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos na sua génese e no seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos factos científicos. O mesmo autor fundamenta que a metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois as suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados.

Para Marconi e Lakatos (2003), o método é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permite, com a maior segurança e economia, alcançar o objetivo, traçando o caminho a ser seguido, eliminando erros e auxiliando as decisões do cientista.

2. Pergunta de partida

A presente dissertação, tal como todos os restantes trabalhos de investigação, tem como uma das suas finalidades responder a uma questão inicial. No caso desta investigação é a seguinte: como os jornais “Notícias” e “Savana” trataram do idadismo e dos estereótipos e representaram, de 2015 a 2018, notícias sobre os adultos mais velhos?.

3. Objetivos da investigação

Na presente investigação o objetivo geral é analisar o idadismo, os estereótipos e as representação sobre os adultos mais velhos nos jornais de Moçambique, *Notícias* e *Savana*, entre os anos de 2015 e 2018. Já os objetivos específicos são os seguintes: i) conhecer os principais efeitos do idadismo dentro da sociedade moçambicana; ii) compreender as teorias atuais sobre o idadismo; iii) conhecer as formas e teorias das representações sociais no contexto do idadismo; iv) identificar os estereótipos positivos e negativos nos jornais *Notícias* e *Savana*.

4. Paradigma de investigação

Na presente investigação utilizou-se o paradigma qualitativo. Conforme refere Malhotra (2004), o paradigma qualitativo é uma metodologia de pesquisa não estruturada, baseada em pequenas amostras que proporciona percepções e compreensão do contexto do problema. Como destacou, esse paradigma possibilita a uma percepção ampla de um determinado fenómeno e é eficaz, pois auxilia na descrição, interpretação de um fenómeno.

O paradigma qualitativo, além da descrição e interpretação, apresenta diversas características. Na visão de Creswell (2010), as características desse método podem ser

resumidas em: objetivação do fenómeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao carácter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Este paradigma é geralmente usado em investigações que possuem limites de tempo e espaço e que têm como objeto de estudo um fenómeno concreto. Como refere Neves (2010) nas ciências sociais, os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenómeno. São várias as designações dadas ao paradigma qualitativo:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como “estudo de campo”, “estudo qualitativo”, “interacionismo simbólico”, “perspectiva interna”, “interpretativa”, “etnometodologia”, “ecológica”, “descritiva”, “observação participante”, “entrevista qualitativa”, “abordagem de estudo de caso”, “pesquisa participante”, “pesquisa fenomenológica”, “pesquisa-ação”, “pesquisa naturalista”, “entrevista em profundidade”, “pesquisa qualitativa e fenomenológica”, e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspetos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (Triviños, 1987).

Conforme refere Malhotra (2004), o paradigma qualitativo é uma metodologia de pesquisa não estruturada, baseada em pequenas amostras que proporciona percepções e compreensão do contexto do problema. Como destacou-se, este método possibilita a uma percepção ampla de um determinado fenómeno e é eficaz, pois auxilia na descrição, interpretação de um fenómeno.

O paradigma qualitativo, além da descrição e interpretação, apresenta diversas características. Na visão de Cresswell (2010), as características desse paradigma podem ser resumidas em: objetivação do fenómeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao carácter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

5. Campo de estudo

A nossa fonte de dados foram trinta (30) artigos extraídos dos jornais *Notícias* e *Savana*. Esses dois jornais são os que possuem maior tiragem, em Moçambique, e mais circulação. Um é público, o *Notícias*, e o outro é privado, o *Savana*. O cruzamento de abordagens de dois órgãos distintos, sobre o fenómeno do idadismo, suscitou-nos, em parte, o interesse de escolha dos mesmos.

O *Notícias* é tido como sendo o jornal de todos, pois é lido por todas as camaradas sociais, enquanto que o *Savana*, pelo seu preço de venda, é um periódico lido, muitas vezes, por sujeitos “esclarecidos”. Como a questão do idadismo é representado para essas duas “realidades” sociais distintas? – foi uma das nossas questões. Refira-se, outrossim, que esses dois órgãos, no período temporal escolhido, 2015 e 2018, são os que mais abordaram questões ligadas aos adultos mais velhos por questões editoriais.

6. Métodos e técnica de recolha de dados

Em todos os trabalhos de investigação a escolha da metodologia a utilizar é bastante importante e “a utilização de métodos construídos e estáveis permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 226). Este é um aspeto importante, uma vez que, para uma investigação ser considerada científica, não deve conter ideias preconcebidas que podem influenciar os resultados finais.

Historicamente, a análise de conteúdo teve a sua origem nos Estados Unidos da América, no início do século XX, devido ao desenvolvimento da comunicação social, nomeadamente da imprensa e do surgimento da rádio. “A Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia seria a iniciadora dos estudos em análise de conteúdo” (Espírito Santo, 2010, p. 77). Este tipo de análise possui três instrumentos básicos, sendo eles as categorias, os indicadores e as unidades de análise.

Por outro lado, Wolf (1987) refere que no início dos anos 40 do século XX, os académicos americanos interessaram-se sobre a grande influência que os meios de comunicação exerciam sobre os públicos, realizando uma reflexão sobre o estudo do fenómeno, consolidando assim a técnica da análise de conteúdo.

Neste trabalho optamos pela análise de conteúdo que, segundo Olabuenaga e Ispuzúa (1989), é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos, que investigados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspetos e fenómenos da vida social de outro modo inacessível.

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo aplicamos o protocolo metodológico definido por Bardin (2006), sob a denominação de análise temática ou categórica, que consiste na separação de textos com os temas seleccionados e depois a realização de uma classificação em categorias e subcategorias:

Tabela 1 - Grelha de categorização

CATEGORIAS PRINCIPAIS	SUBCATEGORIAS	Definição e delimitação
Velhice e velhice	<ul style="list-style-type: none"> ● Governo ● Mais velhos 	
Abusos e maus-tratos	<ul style="list-style-type: none"> ● Família ● Violência ● Bons cuidados 	
Idosos	<ul style="list-style-type: none"> ● Idade ● Protecção de idosos ● Fragilidade 	

Vulneráveis e abandonados	<ul style="list-style-type: none"> ● Organizações da sociedade civil ● Programas sociais ● Acompanhamento ● Inclusão social ● Comunidade 	
Feiticeiros	<ul style="list-style-type: none"> ● Expulsos de casa ● Morte 	

É importante destacar que durante a identificação das categorias principais ou chaves foram emergindo, em todo o processo de análise, subcategorias. Essas subcategorias são uma ferramenta que auxilia na compreensão e enquadramento aprofundados das categorias principais. No total foram identificadas, de forma secundária, nove categorias. Velhos e velhice (subcategorias: governo, centro de apoio à velhice), abusos e maus-tratos (subcategorias: família, bons cuidados), idosos (subcategoria: protecção de idosos), vulneráveis e abandonados (subcategorias: organizações da sociedade civil, inclusão social) e feiticeiros (subcategorias: expulsos de casa, morte).

CAPÍTULO IV

1. Apresentação e discussão de resultados

Como foi apresentado e justificado no capítulo da metodologia, foram identificadas oito (8) categorias de análise que são: velhos, velhice, abusos, maus-tratos, idosos, vulneráveis, abandonados e feiticeiros. Os excertos que correspondem às categorias estão organizados em tabela própria, com a respectiva indicação do jornal. Neste ponto de apresentação e discussão de resultados, recorreremos a estes excertos sempre que se justifique a sua inclusão na presente dissertação. A apresentação, análise e discussão de resultados serão feitos tendo em a organização das nossas categorias e subcategorias, focando-se em aspetos positivos e negativos de cada categoria.

2. Velhos e velhice

Na categoria “Velhos” foi possível identificar, em artigos dos dois jornais – *Notícias e Savana* –, a rotulação dos adultos mais velhos como sendo simplesmente “velhos”. Esta nomeação permitiu-nos compreender, depois da leitura dos artigos, que esta designação é fruto, em grande parte, do desconhecimento dos processos de envelhecimento e não só.

Destaque-se que a nossa análise nos permitiu, outrossim, constatar que há um emprego desajustado e sem critérios dos termos “mais velhos” e “velhos”. Ou seja, esses dois termos são aplicados em ambos jornais como se de sinónimos se tratassem. Citamos aqui exemplos: “*Este país não é para velhos*” – S16. E o outro: “*Cuidar dos mais velhos é tarefa de todos*” – JN.

As duas designações, “velhos” e “mais velho”, ocorrem não apenas na esfera da imprensa escrita, sendo, também, empregues em diversas organizações que trabalham com os adultos mais velhos. Algumas organizações surgem como sendo “organizações que trabalham com os mais velhos” e outras sugerem em seus planos, atividades e programas “políticas de apoio aos velhos”.

Surge-nos, também, a conotação de que os “velhos” devem ser uma ocupação exclusiva do governo – é o governo que deve dar todas as condições aos adultos mais velhos, o que de forma direta “afasta” o “velho” da família para virar um “filho” do governo.

A ideia social de que os adultos mais velhos devem estar, sempre, ao cuidado do governo revela, em grande parte, a concepção social, cultural e familiar que se tem dos “velhos”. Rodrigues e Soares (2006) defendem que os termos velhos e velhote são empregues muitas vezes para reforçar uma situação de exclusão daqueles que, indigentes, não têm “*status social*”. Os mesmos autores reforçam a ideia de que o tratamento dos adultos mais velhos por “velhos” é, em parte, uma atitude que perpetua uma perspectiva negativa e preconceituosa sobre o envelhecimento e sobre os próprios “velhos”:

O ser velho representa um conjunto de atribuições e transformações negativas que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social o velho está directamente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social Rodrigues e Soares (2006, p. 8).

Nesta categoria foi-nos possível destacar estereótipos positivos e negativos sobre a concepção “velhos”. Reconhecemos que a própria designação de “velhos” é, já por si só, um conceito que nos leva a um estereótipo negativo e a uma concepção social de uma ideia idadista. No entanto, em alguns artigos o conceito surge acompanhado por ideias estereotipadas positivas no que aos adultos mais velhos diz respeito. Essa constatação pode ser verificada no excerto extraído do S7 que diz: “*A missão de cuidar dos mais velhos não deve ser apenas do Governo, mas de todos*”.

No artigo JN1 encontramos, também, o conceito “mais velhos” complementado por um estereótipo positivo. Conforme já tínhamos destacado, mais acima, esses dois jornais usam, de forma indiscriminada, os conceitos “velho” e “mais velho” como sinónimo – nenhum deles faz o uso de adultos mais velhos ou outros que se aproximem a este. “[...] *os idosos cuidaram dos jovens na infância, acto que deve ser retribuído quando os mais velhos estão incapacitados*”. Este excerto, é de destacar, pois trata-se de uma fala de um

adolescente intervindo sobre a responsabilidade social e familiar que temos para com os adultos mais velhos. O processo de socialização, a nível da sociedade moçambicana, só pode ser mais inclusivo e mais aberta a nível familiar para com os adultos mais velhos se se optar por disseminar este tipo de estereótipos.

No meio disso é importar reafirmar que ambos os jornais fazem a representação dos adultos mais velhos como sendo uma camada social que necessita de apoio, auxílio, cuidados atenciosos e são vistos como incapacitados. No entanto, para Marques (2011) estas atitudes podem ser vistas como modos de idadeísmo mais subtis, porque podem constituir uma sobre proteção dos adultos mais velhos que, embora bem-intencionados, podem ser idadeístas e prejudiciais porque tendem a promover a incapacidade e a dependência.

Os jornais Notícias e Savana têm um papel importante na divulgação de estereótipos positivos sobre os adultos mais velhos na esfera social e a promoção de uma participação social dos mesmos. Paiva, Ribeiro e Barbosa (1993), definem o conceito de participação social como sendo uma rede que abrange um leque alargado de situações que vão desde os comportamentos individuais, aos processos de relação e representação política, e à presença de grupos ou movimentos em programas e atividades.

O conceito de “velhice” é amplamente tratado em ambos os jornais. Muitas das vezes usado para designar os lares de acolhimento dos adultos mais velhos, os chamados Centros de Apoio à Velhice. A velhice é vista por esses jornais como sendo inerente aos adultos mais velhos, talvez a sua “marca” fundamental.

A velhice é também associada ao “idoso”, isso pode ser constatado em alguns artigos do Notícias como por exemplo: “*O Centro de Apoio à Velhice de Nhangau acolhe 80 idosos e 19 crianças*” (JN11). Aqui a velhice é tomada como uma característica exclusiva dos adultos mais velhos.

O Savana, por exemplo, vê a velhice como sendo uma fase perturbada, turbulenta e feita de carências e necessidades. E também como uma fase caracterizada pelas frágeis condições de saúde e idade. E, assim sendo, só, em parte, os Centros de Apoio à Velhice podem proporcionar uma velhice mais digna, merecida, alegre e confortante aos adultos mais velhos: “[...] *condições de saúde e de higiene que lhes proporcionem uma velhice tranquila*” (S4). Essa perspetiva alicerça também a ideia reducionista de que só nesses

centros de apoio é que se pode ter uma velhice tranquila e livre de acontecimentos hediondos. “[...] *evitando situações de abandono e recurso aos centros de apoio à velhice*” (JN1). Os centros de apoio não podem ser vistos como sendo “cemitérios”, não podem ser vistos como sendo a “última casa” dos que já são adultos mais velhos. É importantíssimo, sempre, destacar o papel fundamental que a família em todo o processo social e biológico dos adultos mais velhos.

Há imensas definições, perceções e perspetivas para o conceito “velhice”. Debert (1998) e Bosi (1994) definem a velhice como sendo a última fase ou etapa do ciclo da vida, independente de condições de saúde e hábitos de vida, podendo ser acompanhado de perdas psicomotoras, sociais e culturais. Num outro ângulo, Guimarães (1997) e Messy (1999) definem a velhice como sendo uma experiência subjetiva e cronológica, associada às perdas, decorrentes da trajetória individual, da forma de vida, da genética, de eventos biológicos e psicológicos, sociais e culturais.

Concordamos com Guimarães (1997) e Messy (1999), que tomam a velhice como sendo uma experiência subjetiva. A subjetividade da velhice reside no facto de ela acontecer de forma diferente em cada indivíduo, trata-se de um processo social, cultural, biológico e físico que não obedece a uma trajetória única e homogénea. Cada adulto mais velho tende a apresentar uma experiência única durante esse processo. Como bem refere Couto (2005), as mudanças associadas à idade não se relacionam necessariamente com as mudanças biológicas, o que nos leva a concluir que a velhice é caracterizada por uma heterogeneidade nos indivíduos em relação a aspetos cognitivos, físicos e de personalidade.

Os Notícias e Savana, de forma negativa e estereotipada, tomam a velhice como sendo um processo não subjetivo, um processo que obedece a características iguais em todos os adultos mais velhos. Constitui ainda um estereótipo negativo associar a velhice como sendo uma fase ladeada de carências, uma fase cujas condições de saúde são débeis.

A idade cronológica não é um indicador certo da velhice, ou seja, a idade de qualquer um não pode ser tomada como determinante para se dizer velhice. Há muitos fatores que não podem ser ignorados quando se quer determinar o que significa velhice a nível social e não só.

Falando em estereótipos positivos sobre a velhice, podemos destacar um excerto de um artigo do Notícias: “[...] e a educação das novas gerações para que assumam a velhice como um processo natural” (JN2). Este excerto constitui um estereótipo positivo de extrema importância a nível social, pois combina duas coisas importantíssimas para a difusão de atitudes mais positivas perante a velhice: educação e novas gerações. Ou seja, a velhice dos adultos mais velhos só pode ser encarada como um processo natural, sem rótulos idadistas e negativamente estereotipadas, se houver educação das novas gerações. A educação é a chave para o longo percurso de reconhecimento e respeito pelo processo da velhice.

Os centros de apoio aos adultos mais velhos não podem ser vistos como sendo lugares ermos, isolados e uma espécie de instituições que só se ocupam a dar simples cuidados. Os adultos mais velhos, como qualquer um no seio social, têm também seus momentos de lazer, aprendizagem e momentos lúcidos. O Notícias escreve: “[...] foram desenvolvidas atividades recreativas nos centros de apoio à velhice” (JN7). Este é também um estereótipo positivo, uma atitude que é importante para a desconstrução do que são os centros de apoios aos adultos mais velhos. Para Moura e Souza (2012) o tempo livre e o lazer intervêm positivamente na autoimagem e na socialização dos adultos mais velhos, propiciando ganhos afetivos, físicos, sociais e cognitivos.

3. Abusos e maus-tratos

Os abusos e maus-tratos aos adultos mais velhos constituem um gravíssimo problema social. Nos dois jornais analisados esse fenómeno é reportado principalmente dentro do seio familiar, ou seja, não há nenhuma indicação de abusos institucionais – os que acontecem em centros e lares dos adultos mais velhos. A família, que devia ser a principal guardiã dos adultos mais velhos, é a primeira a perpetrar esses atos que, infelizmente, caracterizam boa parte da sociedade moçambicana. “*Também José Maria referiu que naquele local recebe bons cuidados, diferentemente daquilo que viviam na sua família, onde sofria maus-tratos e foi abandonado sob acusação de feitiçaria*” – S7.

Veríssimo (2018) defende a ideia de que os adultos mais velhos que sofrem abusos e maus-tratos são suscetíveis de apresentarem declínio das capacidades cognitivas e

psicológicas, aumento dos níveis de stress, sensação de impotência, depressão e aumento da incidência de morbilidade e mortalidade prematura.

Por sua vez, Gondim e Costa (2006) referem que os adultos mais velhos submetidos a situações de abusos e maus-tratos apresentam uma diminuição gradual das suas defesas físicas e psicológicas, que se traduzem em doenças psicossomáticas, fuga da realidade, agitação, fadiga, diminuição do rendimento e falta de concentração.

No Savana destaca-se, também, a realidade de violência que os adultos mais velhos sofrem no seio familiar. “[...] *a província de Sofala, que foram dar à instituição por razões distintas, entre as quais maus-tratos no seio familiar, isolamento e carências*” – (S7).

Em parte, os adultos mais velhos sentem-se seguros fora do seio familiar, sentem-se “confortados” e com “bons cuidados” nos centros e lares. Isso surge porque a família renega o seu papel fundamental de inclusão dos adultos mais velhos. “[...] *o facto de os idosos continuarem a ser vítimas de maus-tratos, muitas vezes praticados pela própria família*” – JN11.

A família é a base para a prevenção e combate aos abusos e maus-tratos aos adultos mais velhos. No entanto, não podemos deixar de fora pequenos cenários, isolados, de abuso de maus-tratos que acontecem fora do seio familiar; são poucos episódios que os dois jornais relatam, mas podemos destacar uma passagem: “[...] *os idosos queixam-se de mau atendimento nas unidades sanitárias na província de Nampula, alegadamente protagonizado por funcionários do sector*” – JN11.

Os dois jornais apresentam diversos estereótipos negativos no que a essa categoria diz respeito. Tratam, muitas vezes, do abuso e maus-tratos de forma reducionista – tomando-os categoricamente como sendo apenas de carácter físico. E nisso, não sublinham as consequências diretas desses atos sobre a vida dos adultos mais velhos – uma forma de espelhar o perigo dessas práticas numa sociedade onde a violência parece ser uma atitude “normal”.

Gondim e Costa (2006) reforçam a posição de que em consequência dos maus-tratos os adultos mais velhos passam a sentir depressão, alienação, culpa, angústia, apresentar desordem pós-traumática, fazer uso abusivo de álcool e drogas e até mesmo tentativas de suicídio.

É importante saber os motivos que levam diversas famílias a tratarem de uma forma violenta os adultos mais velhos. Sugerir e reafirmar que os adultos mais velhos só são seguros dentro dos centros e lares, sem aprofundar as causas da violência dentro das famílias, é também criar ideias idadistas que justifiquem a saída dos adultos mais velhos das suas famílias para os centros e lares de acolhimento.

Nesta categoria ambos os jornais apresentam poucos estereótipos positivos. O Notícias, por exemplo, insta a sociedade a reverter a situação de abusos e maus-tratos. O apelo no artigo surge desse jeito: “[...] *os maus-tratos contra a pessoa idosa continuam, perante a indiferença da sociedade*” – JN 11. Trata-se de um estereótipo positivo, pois remete-nos à ideia de que os fenómenos de abuso e maus-tratos são do fórum familiar, no entanto, é responsabilidade de toda a sociedade a sua minimização e consequente combate.

Outro estereótipo positivo, que se enquadra nesta categoria, encontramos no artigo do jornal Savana. “*Hoje em dia, o idoso assume um papel preponderante na sociedade, porque cuida dos seus netos. E nós sentimos que esta interacção entre eles é importante para acabar com a ideia de que os avôs são maus*” – S3. Os avôs, muitas vezes, são tomados como maus devido a vários aspetos culturais; muitos ligados a crença de feitiçaria. Os avôs são vistos, também, como sendo origens de coisas más dentro das famílias e não só.

A família, como já destacámos, tem um papel importante no combate dos abusos e maus-tratos contra os adultos mais velhos. E esse combate só é possível quando temos consciência das consequências desses abusos e maus-tratos e quando assumimos que os adultos mais velhos assumem um papel preponderante a nível familiar e social.

4. Idosos

A designação de “idosos” aos adultos mais velhos é frequente nos dois jornais. Trata-se, no fundo, de uma designação que é quase oficial e tolerada dentro desses periódicos. No entanto, essa designação tem sido muitas vezes aleatória, não obedecendo a nenhum outro critério além do fator idade cronológica. Muitas vezes o ser idoso tem uma associação, nesses jornais, com o fator produtividade, como bem refere Marques (2011),

a noção de que existe uma idade-limite para a produtividade dos trabalhadores é falaciosa.

“Idoso” não pode ser um conceito que se aplica tendo em conta a idade cronológica. A idade não pode ser um critério de uso desse e mais conceitos ligados ao processo de envelhecimento, pois, como bem refere Arantes (2003), a idade cronológica é um estereótipo que determina um período ou fase etária do indivíduo sobre a qual derivam papéis diversos integrados na estrutura social. Nisso podemos também associar a ideia de Zimerman (2005), que defende que não existem padrões ou conceitos universais que caracterizam o envelhecimento, até porque o mesmo sustenta uma série de dimensões socioculturais e políticas inerentes à sociedade em que o indivíduo se insere.

Muitas vezes os adultos mais velhos são associados, por diversas razões, à fragilidade. Conforme refere Fried (2001), a fragilidade associa-se a características clínicas atribuídas ao envelhecimento, como, por exemplo, diminuição da massa e da força muscular, exaustão, alteração da marcha e do equilíbrio, anorexia, perda de peso progressiva. No entanto, é preciso destacar que a fragilidade não é um denominador comum dos adultos mais velhos, mas sim um acontecimento que se manifesta em alguns.

É importante destacar que a fragilidade, a dos adultos mais velhos, não é absolutamente ligada à idade. Há pessoas que não são adultos mais velhos, mas totalmente frágeis. Os jornais em análise fazem-nos subentender a ideia de que a fragilidade é resultante de forma exclusiva do complexo processo de envelhecimento, o que, na verdade, constitui uma falácia.

O conceito de “idoso” é já, em si, um estereótipo negativo, uma designação que levanta muitas dúvidas quanto ao seu enquadramento no seio social. Os dois jornais fazem a representação dos adultos mais velhos a partir desse conceito. Nesse aspeto, o Notícias apresenta poucas ideias negativamente estereotipadas em relação ao Savana. A marca principal do Notícias é o destaque que dá ao conceito “idoso” como podemos observar nos excertos: “*Não deiteis fora as pessoas idosas: Elas são nossas raízes*” – JN8, “*Todas as famílias devem colaborar na melhoria da situação da pessoa idosa*” – JN7, “*...disponibilização de serviços médicos adequados às pessoas idosas*” – JN8.

O Savana apresenta, nesse aspeto, também a mesma situação: o uso do conceito idoso. O principal estereótipo negativo é o uso não justificado e aleatório do conceito “idoso”, o que nos pode levar a inferir que todo o adulto mais velho, a nível cronológico, podemos chamá-lo de idoso. “*Idosa acusada de feiticeira vê sua casa destruída*” – S1, “*Moçambique é um dos piores países para Idosos*” – S16, “[...] *maior parte destas famílias é constituída por idosos*” – S1.

Ambos os jornais apresentam-nos estereótipos positivos. Estereótipos que apesar de estarem ligados ao conceito “idoso” são positivos e importantíssimos no processo de compreensão da discriminação dos adultos mais velhos. “[...] *sobre a importância dos idosos e sua sabedoria para o crescimento socioeconómico*” – JN1. Relativamente a este estereótipo, o jornal Notícias mostra-nos a importância que os adultos mais velhos têm dentro do desenvolvimento socioeconómico apesar da sua idade. Aqui podemos, uma vez mais, destacar a tese falaciosa de que a produtividade, muitas vezes, é condicionada pela idade ou pelo processo de envelhecimento.

Representar os adultos mais velhos como sendo pessoas que são capazes de alcançar os seus objetivos, por si só, é também uma atitude positiva, pois desconstrói a ideia de que eles precisam de auxílio em tudo, a ideia de que eles perderam a capacidade de alcançar suas próprias metas e objetivos. “*Idosos lutam pelos seus direitos*” – JN2. Este é mais um estereótipo que encontramos num dos artigos do Notícias. Onde os adultos mais velhos são representados como lutadores pelos seus próprios direitos.

A autoestima, a valorização dos adultos mais velhos não pode só ser uma atitude do outro, devem, também, ser uma iniciativa própria deles. São eles que devem, em parte, construir uma imagem positiva de si próprios. Sabemos que essa construção é um processo completamente complexo, dentro das sociedades, em especial a sociedade moçambicana, mais não impossível. E o primeiro passo, desse processo, é a criação de estereótipos positivos pelos adultos mais velhos. “[...] *apesar de sermos idosos, ainda somos úteis, considerou Langa*” – JN2.

Há um outro principal estereótipo positivo que vale a pena destacar, tendo em conta que nos estamos a debruçar sobre a representação dos adultos mais velhos na imprensa escrita moçambicana, é o do direito à informação. Conforme refere Freire (2006), o acesso à informação é um elemento fundamental e indispensável no processo de

inclusão social. Esse estereótipo positivo surge-nos num dos artigos do Notícias: “[...] *os idosos do centro tenham acesso à informação através da televisão*” – JN11.

O Savana, por sua vez apresenta, também, estereótipos positivos sobre os adultos mais velhos. “*Governo sensibiliza os jovens a acolher e respeitar a pessoa idosa*” – S3. Nessa passagem é possível ver que apesar de alguns aspetos negativos, há subjacente uma ideia que nos leva a um estereótipo positivo: a de acolher e respeitar muito dos adultos mais velhos que são abandonados ou afastados dentro das suas próprias famílias.

5. Vulneráveis e abandonados

Pessoas vulneráveis e abandonadas são, também, algumas palavras-chave que muitas vezes identificam os adultos mais velhos nas representações dos jornais em estudo. Muitas vezes os adultos mais velhos são expulsos das suas famílias, sofrem abusos e maus-tratos, no entanto esta não pode ser uma espécie de “marca” que identifica a sua situação dentro da comunidade ou sociedade. Aliás, esses conceitos podem até ser uma base para a construção de estereótipos negativistas sobre os adultos mais velhos dentro da sociedade e não só.

O termo vulnerabilidade deriva-se do latim *vulnerable* que significa ferir e *vulnerable* que refere o que causa lesão. Segundo Schrödler-Butterfill e Marianti (2006), a vulnerabilidade é o resultado de interações complexas entre riscos discretos que resultam em ameaças que crescem e se materializam ao longo do tempo, aliada à ausência de defesas ou recursos para lidar com o desfecho negativo dessa mesma ameaça.

As organizações da sociedade civil têm tido um papel importante no que diz respeito à minimização da vulnerabilidade dos adultos mais velhos. Mas, esse trabalho só se mostra produtivo quando articulado, em parte, com programas sociais que envolvem a família e a comunidade, pois os pontos onde a vulnerabilidade dos adultos mais velhos se mostra é dentro dessas redes sociais.

A vulnerabilidade tem, também, sido aliada ao acompanhamento. O acompanhamento dentro das famílias e da comunidade é importante para que se articulem ideais comuns que permitam o respeito dos adultos mais velhos e sua inclusão na vida social.

Os dois jornais em estudo relatam-nos diversos episódios de vulnerabilidade e abandono dos adultos mais velhos. De forma negativa, esses órgãos destacam a ideia de que a vulnerabilidade e abandono são quase inerentes aos adultos mais velhos, o que constitui uma realidade relativa. Existem adultos mais velhos que estão em situações que não revelem vulnerabilidade e nem abandono. *“Pessoas idosas são desproporcionalmente afectadas e particularmente vulneráveis a abusos e violência”* – S2.

Em termos de estereótipos positivos, os dois jornais sublinham a ideia de que a vulnerabilidade e os abandonos só podem ser minimizados através de uma articulação permanente entre a família, comunidade e programas sociais (do governo e organizações da sociedade civil). A inclusão social é um imperativo para a minimização do abandono dos adultos mais velhos.

O Notícias apresenta-nos diversos estereótipos positivos que visam o não abandono dos adultos mais velhos, assim como não colocá-los numa esfera de vulnerabilidade e risco. Num dos excertos refere: *“Nestes casos, o INAS [Instituto Nacional de Acção Social] manda uma equipa de técnicos para efectuar uma reavaliação da situação de vulnerabilidade da família para a continuidade da recepção”* – JN15. A vulnerabilidade e o risco de abandono dos adultos mais velhos devem, sempre, ser analisados e avaliados dentro da família. Assim, a família toma consciência do seu papel nesse processo.

A família é a chave no contexto de não abandono dos adultos mais velhos. Como bem refere Fernandes (1997), a família é o garante da solidariedade necessária aos ascendentes em situação de velhice. Por seu lado, Saraceno (1999, citado por Imaginário, 2002), defende que a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente naturais. Ainda num dos artigos do Notícias extraímos: *“[...] desamparadas, bem como providenciar a reunificação familiar aos grupos mais vulneráveis”* – JN15.

O Savana também nos apresenta estereótipos positivos nessas categorias. Mostra-nos que a vulnerabilidade e abandono de adultos mais velhos só podem ser ultrapassados através de uma permanente reeducação da sociedade e, conseqüentemente, da família. Podemos encontrar essa ideia nesse excerto: *“Reeducar a sociedade, transmitindo*

valores morais e de amor ao próximo pode ser uma das soluções para a redução da vulnerabilidade e sofrimento de idosos em Moçambique” – S1.

6. Feitiçaria

Os adultos mais velhos têm sofrido em diversos momentos acusações de feitiçaria. Trata-se de um preconceito negativo que até tem tido terminado em mortes, humilhação, desprezo. Muitas das vezes os adultos mais velhos, acusados de feitiçaria, são linchados dentro das suas famílias.

Santos e Meneses (2008) mencionam que, no espaço doméstico, os conflitos familiares e sociais cristalizam-se constantemente em torno de acusações de feitiçaria, sobretudo quando ocorrem mortes inexplicáveis ou desastres pessoais.

Os jornais, quanto à feitiçaria, não apresentam estereótipos negativos, posicionam-se de forma igual: denunciam a feitiçaria e em alguns artigos mostram-se neutros. A comunicação social moçambicana, em geral, já tem consciência dos desastres que as acusações de feitiçaria causam dentro das famílias e a nível social. E quanto a este aspeto, esses meios têm-se posicionado como ferramentas de denúncia de atos de acusação dos adultos mais velhos de feitiçaria.

Em termos de estereótipos positivos, esses dois jornais aparecem, como já referimos, como canais de denúncia permanente e repúdio. Em parte, este trabalho de reconhecer as acusações de feitiçaria nos adultos mais velhos, foi incutida em diversos níveis sociais através de programas e políticas de intervenção social. É verdade que ainda há um longo trabalho por se fazer, principalmente nas comunidades onde as acusações e julgamentos de feitiçarias ainda têm tido muito espaço.

O Notícias, no excerto que segue, mostra-nos o desastre que as acusações de feitiçarias causam dentro das famílias e a nível social: os adultos mais velhos fixam-se nas ruas como sem-abrigos. *“Em muitos casos, os idosos deambulam pelas ruas, após serem expulsos de casa acusados de feitiçaria”* – JN3. Num outro artigo, o Notícias faz referência ao eixo central dessa problemática: a família. As acusações de feitiçaria surgem, muitas vezes, dentro das famílias onde devia ser o lugar de convívio e

permanente interação inter-relacional dos membros. “[...] *os próprios familiares sob acusação de prática de feitiçaria*” – JN11.

Boa parte dos adultos mais velhos que estão em centros de abrigo têm em comum a mesma causa de abandono dos seus lares: acusação de feitiçaria. “*A fonte indicou que a casa alberga 32 pessoas rejeitadas pelas famílias por diversas razões, sendo a principal a suspeita de feitiçaria*” – JN10. Este pode ser visto como um estereótipo positivo na medida em que nos chama à reflexão sobre o mal que o abandono dos adultos mais velhos pode criar. A família é a que deve acolher e não rejeitar.

Evans-Pritchard (2010), refere que as acusações de feitiçaria têm uma base comum: alegam que os feiticeiros, os adultos mais velhos, agem de forma secreta, à noite voam para fora de seu corpo, atacando suas vítimas enquanto dormem, drenando sua força, sua energia vital, provocando doenças, cansaço e fraqueza.

Os feiticeiros, em referência aos adultos mais velhos, agem sempre para desestabilizar as relações dentro da família, provocam insucesso, destruição, mortes, azar, desunião e desentendimento. São vistos como a força que provoca a pobreza, a falta de emprego, a infertilidade e a falta de saúde. Ora, como refere Amaral (2009), por estes e outros males que os feiticeiros provocam dentro das famílias, como forma de castigo, podem ser mortos ou expulsos da comunidade, mas com interferência do regime colonial, apenas são convidados a retirar o feitiço e pagar multas. Isso cristaliza-se nesse excerto do Savana: “[...] *são quase parte do quotidiano dos idosos a morte, ataques e desterros, devido a acusações de feitiçaria, sobretudo nas zonas rurais*” – S8. As acusações de feitiçaria, além de serem a origem de diversos males sociais e familiares, são, também, uma grande máquina de controlo social:

Uma acusação de que alguém praticou feitiços ou os encomendou não se limita, de facto, a procurar explicar os infortúnios, a integrar na normalidade aquilo que é considerado anormal. Acusar alguém de feitiçaria (ou a própria ameaça latente de que tal possa vir a ser feito) constitui também um potente instrumento de controlo social, quando não da prossecução de estratégias económicas e políticas (Granjo, s/d).

CONCLUSÃO

O idadismo é um fenómeno que se manifesta na sociedade moçambicana de diversas maneiras. Trata-se de um fenómeno pouco estudado e analisado, no entanto, com consequências graves no meio social, familiar e não só. Muitas das vezes, o idadismo surge disfarçado, de forma ténue,

Os adultos mais velhos sempre tiveram um grande papel na coesão familiar e social, na passagem de conhecimento aos mais novos, na aprendizagem intergeracional em diversas cerimónias tradicionais e têm um estatuto cultural fortíssimo dentro das comunidades. A participação social dos adultos mais velhos a nível social, e não só, é extremamente importante quanto de qualquer um.

Depois de fazermos a análise de conteúdo do nosso trabalho, resta-nos agora tecer as conclusões a que chegámos, na presente análise de trinta (30) artigos noticiosos, entre os anos 2015 e 2018, dos jornais moçambicanos *Notícias* e *Savana*. De forma geral, analisámos os estereótipos e a representação dos adultos mais velhos nesses artigos noticiosos. Constatamos que os estereótipos na representação dos adultos mais velhos na imprensa escrita, nestes materiais jornalísticos, são recorrentes. No entanto, esses estereótipos caracterizam-se por serem positivos e negativos.

Os estereótipos positivos na representação dos adultos mais velhos constituem, em parte, uma atitude importante na comunicação social, pois podem ser basilares na construção de uma sociedade onde as ideias idadistas são quase “inexistentes”. É difícil “combater” os estereótipos, principalmente os negativos, pois sabemos, tal como refere Allport (1954), que os estereótipos (destaquemos os negativos) são mitos incontestáveis, crenças exageradas ou ideias preconcebidas sobre uma determinada categoria.

Além dos estereótipos positivos, esses artigos apresentam, também, os negativos sobre a representação dos adultos mais velhos. Trata-se de estereótipos que se vão enraizando no campo social e que resultam, diversas vezes, em preconceitos e discriminação intencional ou não dos adultos mais velhos – idadismo. Os meios de comunicação social, especialmente os jornais, têm um papel importante na difusão de acontecimentos ligados aos adultos mais velhos e, acima de tudo, de fazer uma representação deles que

seja uma “arma” para a “eliminação” de quaisquer elementos que prejudiquem o processo de envelhecimento de cada indivíduo.

De 2015 a 2018, o “*Notícias*” e o “*Savana*” produziram artigos com representações estereotipadas dos adultos mais velhos. Em parte, esses estereótipos surgem por falta de conhecimento do processo de envelhecimento e, também, pelo quase inexistente debate sobre o idadismo em Moçambique. Como bem referem North e Fiske (2012), o processo de envelhecimento é uma parte inevitável da vida, contudo atitudes preconceituosas podem fazer da transição para a idade adulta um processo temido.

A representação dos adultos mais velhos nos meios de comunicação social tem, em grande parte, sido assunto de estudos e investigações. As nossas categorias predefinidas – velhos e velhice, abusos e maus-tratos, idosos, vulneráveis e abandonados e feiticeiros –, permitiram-nos compreender como foi a representação dos adultos mais velhos nesses dois jornais de 2015 a 2018.

Ora, diversos estudos, por exemplo a de Dionigi (2015), destacam que os estereótipos (positivos e negativos) podem influenciar as ações, as decisões, as atitudes e ainda a saúde dos adultos mais velhos.

O jornal *Notícias* foi o que mais artigos publicou sobre os adultos mais velhos no espaço temporal escolhido; o mesmo jornal, apesar de algumas representações estereotipadas dos adultos mais velhos, mostrou-se também um meio que também divulga estereótipos positivos. O *Savana* também representou os adultos mais velhos de uma forma negativamente estereotipada, assim como de forma positiva – estereótipos positivos. Esses estereótipos negativos, na nossa ótica, são socialmente vistos como normais e aceitáveis, pois a sociedade moçambicana ainda não despertou para essa realidade.

Defendemos que o presente estudo pode ser uma base para o início de debate sobre o idadismo na comunicação social em Moçambique. Um debate que não se restrinja apenas à imprensa escrita, porque outros meios de comunicação social têm rotulado os adultos mais velhos com estereótipos negativos e representam-nos baseando-se em ideias idadistas socialmente tomadas como normais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- António, S. (2012). *Envelhecimento Demográfico e Relações Intergeracionais*. Rediteia. Revista de Política Social, 45, 139-154. Consultado em 18 de junho de 2018. Disponível em <https://www.cidadaniaemportugal.pt/wpcontent/uploads/recursos/eapn/Rediteia%20-%20Envelhecimento%20Ativo.pdf>
- Butler, R. N. (1980). *Ageism: A Foreword*. *Journal of Social Issues*, 36 (2), 8-11. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/198101139-001>;
- Campos, P C. (2007). *A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. Estudo de caso: jornais El País e ABC – 2007*. 11(1), pp. 105-142, 2008. São Paulo: Revista Kairós;
- Cruz, C. (2008). *A Telerealidade – Uma Abordagem Hermenêutica da Construção Social da Realidade pela Informação Televisiva da Actualidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas;
- Fraiman, A. (1995). *Coisas da idade*. São Paulo: Gente;
- FILHO, E. T. (1994) org. *Geriatrics: fundamentos, clínica, terapêutica*. São Paulo: Atheneu;
- Gans, H. J. (1980). *Deciding what's news*. New York: Vintage Books;
- Bettencourt da Câmara, S. (2015). *Atitudes de futuros profissionais de serviço social face ao trabalho com a população idosa*. Escala de Kogan e Relações Intergeracionais. Tese de Doutoramento em Gerontologia. Universidade da Coruña. Espanha;
- Bojanić, I. B., & Nedić, T. (2015). *Age consciousness – opening our minds to ageism*. In I. B;
- De Masi, D. (2000). *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante;

Dias, D. S. G., Carvalho, C. S., & Araújo, C. V. (2013). *Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 16, 127 – 138.

Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: Jodelet, D. (Org.). As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ;

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (4^a ed.). Lisboa: Gradiva;

Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores;

Maria de Lurdes Manuel Gomes e Leite (2019) *O Jornalismo no Processo de Democratização de Moçambique: Continuidade ou Ruptura?*, Lisboa. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo;

Mascaro, SA. (1993). *As imagens dos velhos e da velhice nas páginas do jornal "O Estado de S. Paulo" (1988-1991)*. Tese de Doutorado defendida na ECA/USP;

Moscovici, S. (1999). Prefácio. In P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em Representações Sociais* (pp. 7-16). (5^a ed.). Petrópolis: Editora Vozes;

Musaiger, O., & D'Souza, R. (2009). *Role of age and gender in the perception of aging: A community-based survey in Kuwait*. Archives of Gerontology & Geriatrics, 48 (1), 50-57;

Moscovici, S. (1988). *Notes towards a description of Social Representations*. European Journal of Social Psychology, 18, 211-250. Consultado em 2 de maio de 2018. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/ejsp.2420180303>;

Neri, A. e Jorge, M. (2006). *Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: Subsídios de planeamento curricular*. Estudos de Psicologia, 23, 127-137;

Navarro, P. (2008). *Discurso e mídia: elementos do método arqueológico para análise da produção discursiva da identidade*. In ROMÃO, L. e GASPAR, N. R. (orgs.). Discurso midiático. São Carlos: Pedro e João Ed;

Nelson, T. D. (2005). *Ageism: Prejudice against our feared future self*. Journal of Social Issues, 61, 207 – 221;

Neri, A. L. (2005). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea;

Olabuenaga, J.I. R. & Ispizua, M.A. (1989). *La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao: Universidad de deusto;

Palmore, E. (1999). *Ageism. Negative and Positive*. (2.^a ed.) New York: Springer Publishing Company, inc;

_____ (1988). *The Facts on Aging Quiz: a handbook of uses and results*. New York: Springer Publishing Company, Inc;

Yates, F. (1993). *Biological perspectives on growing old*. In J. Schroots. (Ed.), *Aging, health and competence*. Amsterdam: Elsevier;

Rosa, M. J.V. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Ed. Relógios D'Água Editores.

Rodrigues, AD. (1994). *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença;

Shudson, M. (1978). *Discovering the news: a social history of american newspaper*. New York: Basic Books.

Shoemaker, P. J.; A. A. Cohen. (2006). *News Around the World. Content, Practitioners and the Public*. New York: Routledge;

Swift, H. J., Abrams, D., Drury, L., & Lamont, R. A. (2016). *The perception of ageing and age discrimination*. London: British Medical Association;

Sánchez, M. (2007). *Intergenerational programmes: Towards a society for all ages*. Barcelona: The “la Caixa” Foundation;

Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Anexos

Tabela 2 – Categorias e excertos de artigos

NUMERAÇÃO – JORNAL	CATEGORIAS	EXCERTOS
Jornal Notícias – Artigo 1	VELHOS E VELHICE	“Cuidar dos mais velhos é tarefa de todos” - JN1
Jornal Notícias – Artigo 1		“Yone Maússe [...] refere que os idosos cuidaram dos jovens na infância, acto que deve ser retribuído quando os mais velhos estão incapacitados” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 3		“Dezasseis idosos do Centro Aberto de Anchilo, sob gestão da Associação Para Apoio aos Velhos Desamparados” – JN3
Savana – Artigo 16		“Este país não é para velhos” – S16
Savana – Artigo 16		“A missão de cuidar dos mais velhos não deve ser apenas do Governo, mas

		de todos” – S7
Jornal Notícias – Artigo 1		“[...] evitando situações de abandono e recurso aos centros de apoio à velhice” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 2		“[...] e a educação das novas gerações para que assumam a velhice como um processo natural” – JN2
Jornal Notícias – Artigo 4		“[...] garantindo-os um lar em centros de apoio à velhice” – JN4
Jornal Notícias – Artigo 4		“Dispõe ainda de 11 centros de apoio à velhice privados que atendem 288 idosos” – JN4
Jornal Notícias – Artigo 5		“Actualmente o país conta com 12 centros de apoio à velhice públicos que atenderam” – JN4

Jornal Notícias – Artigo 5		“[...] terão que ser integrados em centros de apoio à velhice” – JN5
Jornal Notícias – Artigo 6		“[...] 30 visitas de supervisão aos centros de apoio à velhice” – JN5
Jornal Notícias – Artigo 7		“[...] viver em Centros de Apoio à Velhice” – JN6
Jornal Notícias – Artigo 8		“[...] foram desenvolvidas actividades recreativas nos centros de apoio à velhice” – JN7
Jornal Notícias – Artigo 11		“[...] nos centros de apoio à velhice e a melhoria da acessibilidade aos edifícios” – JN8
Jornal Notícias – Artigo 11		“[...] no Centro de Apoio à Velhice de Nhangau” – JN11
Jornal Notícias – Artigo 15		

<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>“[...] a directora do Centro de Apoio à Velhice de Nhangau” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 8</p>		<p>“O Centro de Apoio à Velhice de Nhangau acolhe 80 idosos e 19 crianças” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 9</p>		<p>“Atendimento institucional em infantários, centros de apoio à velhice” – JN15</p>
<p>Savana – Artigo 15</p>		<p>“[...] condições de saúde e de higiene que lhes proporcionem uma velhice tranquila” – S4</p>
<p>Savana – Artigo 12</p>		<p>“Davis Fumo, de 63 anos, defendeu que a velhice é uma dádiva e que poucos alcançam este estágio da vida” – S8</p>
<p>Savana – Artigo 13</p>		<p>“Aliás, o sector que dirige conta com dois centros de apoio à velhice na cidade</p>

		<p>dos seus netos. E nós sentimos que esta interacção entre eles é importante para acabar com a ideia de que os avós são maus” – S3</p>
<p>Savana – Artigo 7</p> <p>Savana – Artigo 7</p> <p>Savana – Artigo 7</p>		<p>“Também José Maria referiu que naquele local recebe bons cuidados, diferentemente daquilo que viviam na sua família, onde sofria maus-tratos e foi abandonado sob acusação de feitiçaria” – S7</p> <p>“Também José Maria referiu que naquele local recebe bons cuidados, diferentemente daquilo que viviam na sua família, onde sofria maus-tratos e foi abandonado sob acusação de feitiçaria” – S7</p> <p>“...a província de Sofala, que foram dar à instituição por razões distintas, entre</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>as quais maus-tratos no seio familiar, isolamento e carências” – S7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“Maus-tratos persistem na sociedade” – JN 11</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“...os maus-tratos contra a pessoa idosa continuam, perante a indiferença da sociedade” – JN 11</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“...o facto de os idosos continuarem a ser vítimas de maus-tratos, muitas vezes praticados pela própria família” – JN 11</p>
<p>Savana – Artigo 2</p>		<p>“Almoça reafirmou que acusações de feitiçaria e abandono da pessoa da terceira idade são alguns dos maus-tratos que se registam em algumas famílias na cidade da Beira” – JN11</p> <p>“...impondo-se medidas</p>

<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>adicionais contra a exploração económica e outras formas de abuso, violência e maus-tratos” – S2</p>
<p>Savana – Artigo 7</p>		<p>“Infelizmente, em várias partes do mundo e também no nosso país pessoas da terceira idade sofrem maus-tratos, muitas vezes oriundos” – S4</p>
<p>Savana – Artigo 7</p>		<p>“Segundo a directora, actualmente o centro acolhe 74 idosos provenientes de diferentes pontos da província de Sofala, que foram dar à instituição por razões distintas, entre as quais maus-tratos no seio familiar, isolamento e carências” – S7</p>
<p>Savana – Artigo 9</p>		<p>“Também José Maria referiu que naquele local recebe bons cuidados, diferentemente daquilo que viviam na sua família,</p>

<p>Savana – Artigo 15</p> <p>Savana – Artigo 15</p>		<p>onde sofria maus-tratos e foi abandonado sob acusação de feitiçaria” – S7</p> <p>“...os idosos queixam-se de mau atendimento nas unidades sanitárias na província de Nampula, alegadamente protagonizado por funcionários do sector” – S9</p> <p>“Disse tratar-se de um local ideal para qualquer idoso que passa por maus-tratos, pois, segundo disse, neste centro a expressão maus-tratos não existe” – S15</p> <p>“...a ponto de jurarem para nunca mais voltar às próprias famílias biológicas porque não gostariam de voltar a passar pelos maus-tratos de que eram vítimas” – S15</p>
-----------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Jornal Notícias – Artigo 1	IDOSOS	“... refere que os idosos cuidaram dos jovens na infância” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 1		“...reforço das acções visando o acesso dos idosos aos serviços sociais” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 1		“Revelou que 11.028 idosos receberam transferências monetária” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 1		“...sobre a importância dos
Jornal Notícias – Artigo 1		idosos e sua sabedoria para o crescimento sócio—económico” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 2		“Governo assegura protecção dos idosos” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 2		“Idosos lutam pelos seus direitos” – JN2

<p>Jornal Notícias – Artigo 2</p>		<p>“Por sua vez, os idosos, através do presidente do Conselho de Direcção da Plataforma das Organizações da Sociedade Civil da Manhica” – JN2</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 2</p>		
<p>Jornal Notícias – Artigo 3</p>		<p>“...apesar de sermos idosos, ainda somos úteis, considerou Langa” – JN2</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 3</p>		<p>“Lamentou o aumento do número de idosos que procuram apoio junto das autoridades municipais” – JN2</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 3</p>		<p>“Idosos mais protegidos” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 3</p>		<p>“...de um número significativo de idosos mendigos” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 3</p>		<p>“...na denúncia de casos de violência contra os</p>

Jornal Notícias – Artigo 3		idosos” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“Protecção dos Direitos dos Idosos, através de palestras” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“Dezasseis idosos do Centro Aberto de Anchilo, sob gestão da Associação” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“...a defesa dos interesses dos idosos” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“Com a entrega das aves, os idosos terão a missão de criação” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“...os idosos deste centro estão envolvidos no projecto de criação de suínos” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“Estes idosos é que são responsáveis pela gestão da

<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>respectiva criação” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...criou um núcleo de atendimento a pessoa idosa” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...nós conseguimos identificar e chegar a uma pessoa idosa, vítima de violência” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...registo de qualquer caso de violência contra a pessoa idosa” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“Este núcleo é composto por pessoas idosas e elas têm o dever de trabalhar com outras” – JN3</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“Inicia amanhã a semana comemorativa do idoso” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...a semana das celebrações do Dia Internacional da Pessoa</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>Idosa” – JN4</p> <p>“Sociedade chamada a tratar a pessoa idosa com respeito e dignidade” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“Por Uma Sociedade Sem Violência Contra a Pessoa Idosa” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“visitas de intercâmbio entre idosos, crianças e jovens, visitas de idosos a instituições/empresas” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“A Semana do Idoso é iniciada numa altura em que, apesar dos esforços” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...acusações de feitiçaria, sobretudo a idosas, que depois são expulsas da família e da comunidade” – JN4</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>		<p>“...realizar diversas acções em prol do bem-estar social dos idosos” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 5</p>		<p>“...a apoiar pessoas vulneráveis, no qual dos 366.405 beneficiários, cerca de 93 por cento são idosos.” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 5</p>		<p>“...até ao primeiro semestre do corrente ano, 392 idosos” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 5</p>		<p>“11 centros de apoio à velhice privados que atendem 288 idosos” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 5</p>		<p>“22 centros comunitários abertos que atendem a 4358 idosos, dos quais 1153 homens e 3205 mulheres” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 6</p>		<p>“5 de Fevereiro sobre a promoção e protecção dos</p>

Jornal Notícias – Artigo 6		direitos da pessoa idosa” – JN4
Jornal Notícias – Artigo 6		“...congrega acções multissectoriais de assistência social aos idosos” – JN4
Jornal Notícias – Artigo 6		“Direcção do Género, Criança e Acção Social intensifica acções em prol do bem-estar do idoso” – JN5
Jornal Notícias – Artigo 6		“Mais atenção à pessoa idosa” – JN5
Jornal Notícias – Artigo 6		“...explicou que parte destes idosos será integrada no Programa de Subsídio Social Básico” – JN5
Jornal Notícias – Artigo 6		“Alguns idosos terão apoio nas suas comunidades através de centros abertos, onde recebem assistência e [...]. Infelizmente, há
Jornal Notícias – Artigo 7		

<p>Jornal Notícias – Artigo 7</p>		<p>idosos que terão que ser integrados...” – JN5</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 7</p>		<p>“Pais devem ser exemplo na atenção aos idosos” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 7</p>		<p>“Refira-se que mais de 400 idosos, maioritariamente do sexo feminino, encontraram-se a viver em Centros de Apoio à Velhice” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 7</p>		<p>“...na transmissão de valores morais e bons modos nos cuidados para com os idosos” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 7</p>		<p>“...para o fim da violência contra a pessoa idosa, estão a decorrer desde ontem em todo o país” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Falando ontem em Maputo, no âmbito do lançamento da Semana do Idoso” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Falando ontem em Maputo, no âmbito do lançamento da Semana do Idoso” – JN6</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“...disse que nos últimos tempos os idosos, em particular do sexo feminino” – JN6</p> <p>“Pela família, incluindo filhos, que vezes sem conta expulsam os idosos” – JN6</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Durante a Semana do Idoso, que decorreu de 27 de Setembro a 1 de Outubro” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Falta de fundos afecta assistência ao idoso” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Número de idosos que acede ao subsídio social básico na cidade de Maputo não deverá aumentar” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Uma sessão com os idosos no centro de</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>Hulene” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“...os centros desempenham um papel importante, ao servir de elo entre a pessoa idosa e a família” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Todas as famílias devem colaborar na melhoria da situação da pessoa idosa” – JN7</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>“Governo reconhece papel da pessoa idosa” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>“Promover a responsabilização da família pelo amparo e assistência à pessoa idosa vai continuar a ser preocupação do Governo” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>“nomeadamente as mulheres, crianças, pessoas com deficiência e</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>idosos. Falando por ocasião do Dia Internacional do Idoso” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>“...o compromisso do Governo de promover o respeito e a responsabilidade das famílias e da sociedade pelos idosos.” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>“Não deiteis fora as pessoas idosas: Elas são nossas raízes” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...valorizar e proteger as pessoas idosas” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“Neste contexto, disse ser importante estimular o intercâmbio entre as pessoas idosas e os mais novos” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...no âmbito da assistência social às pessoas idosas, em</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>especial as mais carençadas” – JN8</p> <p>“...disponibilização de serviços médicos adequados às pessoas idosas” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...o atendimento às pessoas idosas desamparadas nos centros de apoio” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...projecta-se incrementar acções de combate à mendicidade, um fenómeno que, segundo ela, não dignifica a pessoa idosa” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...idosos continuam a ser marginalizados” – JN9</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“Acrescentou que a Lei n.º 3/2014, de 5 de Fevereiro, criada para proteger os idosos” – JN9</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“O representante do fórum do idoso afirmou que a sociedade continua a não dar a devida consideração às pessoas da terceira idade.” – JN9</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		
<p>Jornal Notícias – Artigo 1</p>		<p>“Outro ponto que inquieta esta camada social é o assassinato de idosos,” – JN9</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“...afirmou que a data serve para reflectir sobre a situação do idoso” – JN9</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“11 mil idosos têm sido assistidos” – JN9</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 12</p>		<p>“...mais idosos recebem assistência” – JN10</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 14</p>		<p>“Trezentos e dez idosos desamparados pelos seus familiares recebem subsídio social básico na</p>

Savana – Artigo 1		cidade de Maputo” – JN10
Savana – Artigo 1		“A directora municipal da Acção Social apontou que dois idosos foram reintegrados nas suas famílias após sensibilização” – JN10
Savana – Artigo 1		“A fonte referiu que, durante a eclosão da Covid-19, foram admitidos três idosos em situação crítica” – JN10
Savana – Artigo 1		“Apelou ainda à sociedade para respeitar a pessoa idosa, por considerá-la fonte de sabedoria e inspiração” – JN10
Savana – Artigo 1		“Preocupam-nos a discriminação, violência física e psíquica, a exclusão social da pessoa idosa dentro da família” – JN10
Savana – Artigo 1		“...directores municipais,

<p>Savana – Artigo 1</p>		<p>vereador de KaMubukwana e idosos de diversos lares,” – JN10</p>
<p>Savana – Artigo 3</p>		<p>“Em tempos de pandemia, reforcemos a protecção à pessoa idosa” – JN10</p>
<p>Savana – Artigo 3</p>		<p>“...a directora lamentou o facto de os idosos continuarem a ser vítimas de maus-tratos” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>“A sociedade tem o dever de cuidar com amor e carinho os idosos,” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>“Se ainda temos centros como este é porque há famílias que continuam a abandonar os idosos” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>“...os idosos do centro tenham acesso à informação através da</p>

<p>Savana – Artigo 5</p>		<p>televisão,” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 5</p>		<p>“Os idosos que vivem aqui foram abandonados pelos próprios familiares” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 8</p>		<p>“Segundo a directora, o centro acolhe 80 idosos, número que cresceu após a ocorrência do ciclone tropical Eloise” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 8</p>		<p>“Revelou, igualmente, que além dos idosos vivem neste centro 19 crianças” – JN11</p>
<p>Savana – Artigo 8</p>		<p>“Idosos pedem centro de acolhimento em Nacala” – JN12</p>
<p>Savana – Artigo 16</p>		<p>“Técnicos capacitados no apoio a idosos” – JN14</p> <p>“Júlia, único nome de registo, é uma idosa de 90 anos que há muito tempo</p>

		<p>clama por justiça” – S1</p> <p>“Idosa acusada de feiticeira vê sua casa destruída” – S1</p> <p>“Há mais de três anos que a idosa Madalena Novela encontrou aconchego no Lar de Nossa Senhora dos Desamparados” – S1</p> <p>“...o filho da idosa procurou pela mãe no Lar dos Desamparados ainda em 2005” – S1</p> <p>“...tendo sido julgado em 2007 no Tribunal Comunitário do Bairro de Xipamanine e sentenciou-se a favor da idosa” – S1</p> <p>“Impõem-se medidas adicionais para protecção do idoso” – S1</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>“...maior parte destas famílias é constituída por idosos” – S1</p> <p>“A prevalência da violação dos direitos da pessoa idosa em Moçambique prova que as acções” – S1</p> <p>“Governo sensibiliza os jovens a acolher e respeitar a pessoa idosa” – S3</p> <p>“A ocasião acabou juntando idosos e crianças de diferentes distritos municipais no Centro de Formação de Professores da Munhuana” – S3</p> <p>“Marta Langa é médica de clínica geral e cuida da saúde dos idosos no Hospital Geral de Chamanculo” – S4</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>“O relatório de avaliação do Plano Nacional para Pessoa Idosa (2015-2019) faz ainda referência às várias acções para a protecção da saúde e integridade dos idosos” – S4</p> <p>“Mais de 150 idosos, seleccionados de diversos pontos da Bela-Vista, distrito de Matutuíne, na província de Maputo” – S5</p> <p>“Almoço de confraternização para idosos na Bela-Vista” – S5</p> <p>“Dois idosos confessos de serem de Nacala-à-Velha e Mossuril terão sido neutralizados em Nacala Porto, portando documentos da Frelimo” – S8</p> <p>“Outros são estes dois</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>idosos que representam a última esperança. Como dizem a esperança é a última a morrer” – S8</p> <p>“Moçambique é um dos piores países para Idosos” – S16</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 1</p> <p>Jornal Notícias – Artigo 2</p> <p>Jornal Notícias – Artigo 4</p>	<p>VULNERÁVEIS E ABANDONADOS</p>	<p>“...enquanto outros 8010 tiveram apoio multiforme para reduzir a situação de vulnerabilidade em que se encontram” – JN1</p> <p>“A plataforma congrega várias organizações da sociedade civil da Manhica que cuida de assuntos de pessoas idosas e outras em situação de vulnerabilidade” – JN2</p> <p>“...a apoiar pessoas vulneráveis, no qual dos 366.405 beneficiários, cerca de 93 por cento são</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 8</p>		<p>idosos” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 14</p>		<p>“Presidente da República, Filipe Nyusi, comprometeu-se ontem a tudo fazer para continuar a proteger as camadas mais vulneráveis da sociedade” – JN8</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 15</p>		<p>“A capacitação tem em vista munir o pessoal de habilidades e conteúdos que lhes vão possibilitar continuar com a causa da protecção humanitária das pessoas idosas e grupos vulneráveis ao nível das comunidades” – JN14</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 15</p>		<p>“O programa que assegura a assistência social à população em situação de vulnerabilidade está a alcançar resultados positivos nas comunidades Rurais” – JN15</p> <p>“...visam promover a</p>

<p>Jornal Notícias – Artigo 15</p>		<p>inclusão socioeconómica de pessoas em situação de pobreza e vulneráveis” – JN15</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 15</p>		<p>“...desamparadas, bem como providenciar a reunificação familiar aos grupos mais vulneráveis” – JN15</p>
<p>Savana – Artigo 1</p>		<p>“Nestes casos, o INAS manda uma equipa de técnicos para efectuar uma reavaliação da situação de vulnerabilidade da família para a continuidade da recepção” – JN15</p>
<p>Savana – Artigo 2</p>		<p>“Reeducar a sociedade, transmitindo valores morais e de amor ao próximo pode ser uma das soluções para a redução da vulnerabilidade e sofrimento de idosos em Moçambique” – S1</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“Pessoas idosas são</p>

<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>desproporcionalmente afectadas e particularmente vulneráveis a abusos e violência” – S2</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“Garantir assistência e reduzir a vulnerabilidade” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 15</p>		<p>“...levado a cabo várias acções de forma a reduzir a vulnerabilidade e violência contra a pessoa idosa” – S6</p> <p>“...onde são feitas visitas domiciliárias a idosos que vivem na situação de vulnerabilidade social para posterior diagnóstico da sua situação” – S6</p> <p>“Sublinhou ainda que a assistência a estes grupos vulneráveis é realizada</p>

		com profissionalismo na base de padrões de qualidade” – S15
Jornal Notícias – Artigo 1		“...de cuidar das pessoas da terceira idade deve ser compartilhada entre as gerações mais novas, a família e a comunidade, evitando situações de abandono e recurso aos centros de apoio à velhice” – JN1
Jornal Notícias – Artigo 3	FEITICEIROS	“...depois de serem expulsos de casa pelos respectivos familiares, sob acusação de feitiçaria “– JN3
Jornal Notícias – Artigo 3		“Em muitos casos, os idosos deambulam pelas ruas, após serem expulsos de casa acusados de feitiçaria” – JN3
Jornal Notícias – Artigo 4		“...falta de respeito, intimidação, violência física e sexual, humilhação e acusações de feitiçaria,

<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>sobretudo a idosas” – JN4</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“Almoça reafirmou que acusações de feitiçaria e abandono da pessoa da terceira” – JN11</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 11</p>		<p>“...próprios familiares sob acusação de prática de feitiçaria” – JN11</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 10</p>		<p>“...violência que resultam na perda de vida por parte de alguns deles, sob acusação de serem feiticeiros” – JN11</p>
<p>Jornal Notícias – Artigo 9</p>		<p>“A fonte indicou que a casa alberga 32 pessoas rejeitadas pelas famílias por diversas razões, sendo a principal a suspeita de feitiçaria” – JN10</p>
<p>Savana – Artigo 15</p>		<p>“Outro ponto que inquieta esta camada social é o assassinato de idosos, por supostamente envelhecer</p>

<p>Savana – Artigo 7</p>		<p>ser sinónimo de feitiçaria. Estes casos de assassinato de idosos, por causa de feitiçaria” – JN9</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“...depois de ter sido rejeitada e acusada de feiticeira na família, é, efectivamente, uma bênção Divina” – S15</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“...onde sofria maus-tratos e foi abandonado sob acusação de feitiçaria” – S7</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“Carlota Mazonda, expulsa pelo filho acusada de feitiçaria” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“Carlota Mazonda, 85 anos de idade, foi expulsa pelo filho da sua própria residência, no bairro Central “B”, na cidade de Maputo, onde vivia há vários anos. Motivo:</p>

<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>acusação de feitiçaria” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 6</p>		<p>“Foi a partir daí que o jovem acusou a mãe de feitiçaria” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 4</p>		<p>“...onde já estou a viver”, explicou a idosa, acrescentando que o mais triste é que ela ajudou o filho a comprar aquela casa, donde foi expulsa acusada de feitiçaria” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 3</p>		<p>“centros de acolhimento e/ou na via pública, não porque não têm parentes mas devido a problemas de acusação de feitiçaria” – S6</p>
<p>Savana – Artigo 3</p>		<p>“Os idosos integrados no Lar da Terceira Idade de Magoanine “C” chegaram por razões de vária ordem. Uns são expulsos por alegações de feitiçaria e como responsáveis das</p>

<p>Savana – Artigo 3</p> <p>Savana – Artigo 6</p> <p>Savana – Artigo 15</p> <p>Savana – Artigo 8</p>		<p>desgraças familiares” – S6</p> <p>“...violência que até culminam em morte de idosos acusados de feitiçaria” – S4</p> <p>“Lamentou e condenou a persistência de casos de acusações de feitiçaria, violação sexual e física e de expulsão deste do meio familiar” – S3</p> <p>“A fonte manifestou ainda preocupação com acusações de feitiçaria à pessoa idosa, que terminam muitas vezes em agressões, abandono e até homicídios qualificados” – S3</p> <p>“Idosa acusada de feiticeira vê sua casa destruída” – S3</p> <p>“Carlota Mazonda,</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>expulsa pelo filho acusada de feitiçaria” – S6</p> <p>“depois de ter sido rejeitada e acusada de feiticeira na família, é, efectivamente, uma bênção</p> <p>Divina” – S15</p> <p>“...são quase parte do quotidiano dos idosos a morte, ataques e desterros, devido a acusações de feitiçaria, sobretudo nas zonas rurais” – S8</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------